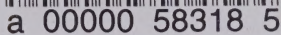
CARLOS AMARO

OAO SUBIU AO TRONO

GRANDE AUTO OU MYSTERIO — EM 6 JORNADAS — SARAH AFFONSO ILUSTROU.

SÃO JOÃO
SUBIU AO TRONO

CARLOS AMARO

SÃO JOÃO SUBIU AO TRONO

GRANDE AUTO, OU MISTÉRIO
EM SEIS QUADROS

ILUSTRADO POR SARAH AFFONSO

LISBOA
1927

Á

MINHA FILHA

Porque fiz este Conto pensando sempre em ti, e por êle ter merecido a tua aprovação, peço que o guardes junto das tuas bonecas mais humildes. É teu.

QUADRO I

No Palácio do Rei

Sala do Trono. Ao fundo ergue-se alto o Trono d'oiro — d'oiro maciço. Tôdas as portas da sala são guardadas por guardas de terrível aspecto — dois a cada porta. Vestidos de verde e armados de armas reluzentes, lembram, de pé, gigantescos lagartos pavorosos. As negras barbas descer-lhes-iam até aos joelhos, se não as tivessem, com grossos nós, atadas nos cintos. Os longos cabelos caem-lhes sôbre os ombros como jubas de leões. De quando em quando abrem as bocarras enormes e vermelhas e, ao cerrá-las, batem com estrondo os dentes. Metem mêdo!

Numa alta estante de missal está um imenso Livro aberto, velhíssimo, donde pendem velhas fitas de sêda. Sôbre o Livro se debruçam, com seus longos narizes apontados, os três Mestres do Príncipe, que usam trajes de mui compridas caudas, a branco e preto, da côr das pêgas.

Nos degraus do Trono, meio sentado, meio deitado, o Bobo da Côrte: grande lapuz, de ceifões de pele de carneiro, empunha, como o Senhor Dom Roberto dos Fantoches, um rijo cajado. Aos pés, o seu largo chapéu e o seu harmónio, com que, noutro tempo, animou feiras e romarias. Diz sempre tudo o que lhe vem à bôca, — valente bruto d'olhos inocentes! De pé, ao lado do Trono, onde se encosta, loiro e vestido d'oiro, está o Príncipe, que é o mais belo en-

tre todos os Príncipes do Mundo. Tem a fronte apoiada na mão esquerda, e a mão direita no punho da espada. Está tristíssimo.

1.º *Mestre, com voz grave e soturna*

Vais, Senhor, emfim reinar!
Ter no Povo e nesta Côrte,
Sôbre a Terra e sôbre o Mar,
Poder de Vida ou de Morte.

Príncipe

É bem dura a minha sorte,
Venha Deus p'ra me ajudar.

2.º *Mestre*

Oh Príncipe esclarecido!
Por minha sabedoria,
Sabes tudo o que é devido
Á tua alta jerarquia.
Lá na grande livraria
Quanto tempo consumido!...

Príncipe

Mas o livro da Alegria
Não mo lêste, nem hei lido.

3.º Mestre, todo mesureiro

Eu, que sou Doutor em tretas,
Ensinei-te a bem mentir
Neste mundo de patetas;
A nobre arte de sorrir,
Frases polidas, discretas,
Teu andar altivo e lento...

O Bobo funga de riso, escondendo a cara.

Príncipe, enfastiado

Meia dúzia de caretas
P'ra ocultar o Pensamento.

1.º Mestre

Príncipe, sois o mais forte!

O Bobo torna a fungar.

2.º Mestre

O mais sábio d'entre os sábios!

O Bobo funga cada vez mais.

3.º Mestre

Não há lábios nesta Côrte
Que mintam como os teus lábios!...

O Bobo está quási a rebentar.

Príncipe, já farto de os ouvir

Mas, dizei-me: o que é que eu sei?

Todos os mestres

Sabes tudo, Senhor Rei!

O Bobo rebola-se a rir, dando grandes palmadas na barriga.

Príncipe

Porque ris à gargalhada?

Bobo

Senhor Rei, não sabes nada,
És um burrico perfeito!

1.º Mestre

Mas que falta de respeito!

3.º Mestre

Castiga-o à chicotada...

2.º Mestre

Chicote no mafarrico!

Bobo, rindo sempre

És um perfeito burrico,
Senhor Rei, não sabes nada!

Chicote!? Em vós, intrujões,
Que lhe fritais o juízo...
A gente morre de riso
Ao ver estes sabichões!
— Que é que sabeis, ó sabões?
Mas que três grandes macacos!
Todos tesos, todos sérios,
Com uma sciência de trapos,
Por fora — tôda mistérios,
Por dentro — velhos farrapos!

Que sabença presumida!
Que entendimento profundo!
E nada sabeis da Vida!
E nada sabeis do mundo!

Senhor Rei, deixa-os falar!...
Vai-te a ler um livro novo,
Vai viver no meio do Povo,
Que êsse é que pode ensinar.

Saberás o pão que comes
Quanto custa a semear!
Quantos frios, quantas fomes,
Quantos velhos sem ter lar!...

Quantas crianças sem 'scola
E quantas mães a chorar,
Quanta gente pede esmola,
Quantos homens a cavar!

E tu verás que alegria,
Se o ano fôr de fartar.
Cantam de noite e de dia,
E hás de ver o que é balhar!...
Lançando o chapéu ao ar
Padre Nosso, Avé Maria,
Não tenho mais que rezar.

1.º Mestre

Meu Senhor, que êste sandeu
Tem pacto com o inimigo.

Bobo

Ó Dom Sábio fariseu,
Que t'arrebento o imbigo!
Dou-lhe um murro, dou-lhe um sôco...

Principe, abrindo-lhe os braços

Abraça-me antes, amigo!

1.º e 2.º Mestres

Serei cego? Estarei mouco?

3.º Mestre

Que faz tua Majestade?

Príncipe

Talvez na bôca dum louco
É que eu encontre a Verdade.

1.º e 2.º Mestres

Meu Senhor! Meu Senhor Rei!

3.º Mestre

Que vergonha! Antes a morte!

Príncipe

Calai-vos e calarei...
Vou mandar entrar a Côrte,
E bem alto falarei.
Eis lançada a minha sorte!

1.º Mestre

Senhor, que delírio o teu!

Principe

Silêncio, vos digo eu!
Que um triste Rei também há de,
Já farto do que sofreu,
Como as aves pelo céu,
Saber o que é liberdade.

Bobo

Fala melhor que um abade!
Fala melhor do que eu!
Mas, antes da Côrte entrar,
— Aqui ao pé dêstes três —
Uma lição quero eu dar
P'ra que aprendas duma vez
Como t'hás de apresentar.
Não é lição de francês,
Nem d'alamão, nem de inglês...
Não te ponhas a assustar.

— Visto que irás à prècura
Da Côrte do Zé Povinho,
Que é uma Côrte exigente,
Vou-te ensinar o caminho.
Precisas fazer figura,
Fazer figura decente,

Pois vais emfim, criatura,
Viver no meio de gente.
P'ra campónios e campónias
Sou teu mestre de cer'mónias!

Não te ensino frioleiras,
Falas doces, nem tolices,
Curvaturas, mesurices,
E outras que tais baboseiras,
Como cá os patarrecos...

Campónios não são bonecos!
Andam na cava e nas eiras,
Queimados pelas fogueiras,
Do sol nado até sol pôsto,
Que vê-los até dá gôsto
Mai-làs campónias trigueiras.
Caras de moiras, de moiros,
Rijas mãos cheias de calos,
São tão fortes como os toiros
E leais como os cavalos!

J'agora, p'ra começar,
Tens de aprender a cavar.

Ora ouve cá, Senhor Rei:
— Todo o ofício tem segredos,
E eu disto juro que sei —
Quando pegares na enxada,
P'ra te não fugir dos dedos,
Quando deres a enxadada,
Não te ponhas com brinquedos,
Nem mêdos, nem aflições,
Faz isto: Cospe nas mões!
Numa palma e noitra palma!
E verás com quanta alma
Cavarás aquel's torrões!

A lavra, a ceifa, a enxertia,
Saber pôr os bois a um carro,
Ficará para outro dia...
Tu não tens sabedoria
Nem p'ra fazer um cigarro!

Ora vamos, com paciência,
Puxa por essa int'ligência,
Puxa bem por êsse caco,
Senhor Rei, meu rico filho.
P'ra enrolar o tabaco,

Com a fôlha da navalha,
Duma camisa de milho
Tu farás uma mortalha...
... Que ficará pendurada
Nesse beiço bem 'stendido.
Como vês, não custa nada,
Se tomares bem sentido:
Entre as mãos, como um moinho,
Uma na outra esfregadas,
Moerás o tabaquinho...
O resto — duas dedadas —
Fazes lume com o isqueiro,
Acendes o teu brèjeiro,
E atiras uma fumaça
P'r'o Sol, p'r'o Céu, para o Ar!
E pões-te à roda a olhar
Qualquer cachopa que passa!

Cachopas!... Ai, que saudade,
Eu tenho das raparigas
Lá do campo, e das cantigas,
Dif'rentes das da cidade,
Que elas botavam à gente...

Tão dif'rente! tão dif'rente!

Aquilo sim, são mulheres!
Sejam trigueiras, ou loiras,
Ou de cabelo castanho,
Cheiram a Sol! São papoilas,
São rosinhas, malmequeres...
Outras parecem bezerras!
Haveras de as ver no amanho,
De sachola, lá das terras,
Pés descalços, no trabalho,
Ou então de pálio rico,
Aos domingos, a balhar,
A balhar o balharico!...

Sabes lá o que é um balho!

Balhavam como andorinhas,
As saias tôdas rodadas,
De pôr a cabeça à roda!...
As baetas encarnadas,
Outras de chita às florinhas...
Que cheirinho à chita nova!

Não são cá danças de Paço,
Com as senhoras da Côrte,
A pedir licença à morte,
Tôdas cheias de cansaço,

Lesmentas, como piruas,
Ás vénias, às arrecuas,
Umas veem e outras vão...
— Danças de Trango-lo-mango!
Aquilo são pernas d'aço,
Calcanhar bate no chão,
Balham todos quant'estão,
No Estalado e no Fandango!

E pondo-se a tocar o harmónio e a sapatear um rijo fandango, embicando com os Mestres, grita para o Rei

Senhor Rei, faz como eu faço!

Mas tem lá muito juízo!
Não será de todo mau,
E acho até bem preciso,
Que saibas jogar o pau.
Adregas um bom cajado,
E corage é que se quer',
Pé atrás e outro avança...
E se accaso um malcriado
Insultar uma mulher,
Maltratar uma criança,
Tu, soberbo como um galo,
Mandas logo uma de estalo,

E não há cá pai por filho,
Faz-se um bonito sarilho,
Golpes rijos, golpes sêcos,
Recos-trecos, recos-trecos...

E assim vai dando grandes paulitadas nas cabeças dos três Mestres, que logo tombam no chão, assentados, as sábias frontes pendentes.

Príncipe, segurando o Bobo

Que não estás a malhar milho...

Bobo, rindo, entre velhaco e inocente

Eu pensei que eram bonecos!

Príncipe

Que fizeste, meu truão?

1.º Mestre, erguendo um pouco o toutiço, ruge

Tu terás pena de morte!

Bobo, impando de prosápia

Chama-se isto: Inducação!
'Stá terminada a lição:

Limpa o nariz às costas da mão, num soberbo gesto de orgulho

Pode agora entrar a Côrte.

Afastam-se os Guardas-Verdes para dar passagem à Côrte: Ao som de uma marcha

triunfal, desfilam os luzidos Cavaleiros, Homens d'armas, Infanções, Duques e Marqueses. Atrás veem os anões da Côrte, grãos de milho que avançam, bamboleando-se orgulhosamente. Pela outra porta entram a Rainha e as suas Aias... Cessa a música, e no meio de um grande silêncio, ergue-se a voz do

Príncipe

Alta Rainha e Senhora,
Luz bemdita que me salva,
Sois a minha Estrêla d'Alva!

Nascem 'strêlas pelo céu,
A lua por trás dos montes,
Como nasce a água das fontes,
Êste Amor em mim nasceu.
Pois quem por vós se perdeu,
Só em vós é que se salva,
Sêde a minha Estrêla d'Alva.

Eu era na escuridão
A pôça d'água esquecida...
Era noite a minha vida
E noite em meu coração.
Mas desceu por vossa mão,
N'água morta, a luz que salva...
Éreis vós a Estrêla d'Alva!

Rainha

Príncipe sois por nobreza,
Poeta na gentileza!

Tira do seio um papel que lê:

Venho de terras distantes
Que o manda o Imperador,
Meu nobre Pai e Senhor,
Dizer-vos que o muito amor
Que êle por vós tinha dantes,
Se tornou muito maior.
E p'ra êste casamento,
Que é todo feito a contento
Das duas grandes Nações,
Trago seu consentimento.
E acabem velhas questões,
Não se declarem mais guerras
Entre os dois reinos, Senhor,
Se lhe ficarem as terras
Nos mãos dêle, Imperador.

Bobo

Que linda carta d'amor!

Principe

Por sete palmos de chão
Inútil, desabitado,
Quanto sangue derramado!
Eu lhos dou em doação,
Pois que me deu vossa mão
E o vosso rosto doirado.
— Sois da minha opinião?

Cavaleiros, erguendo os braços

Bem traçado! Bem traçado!

Pagem, fazendo uma larga vénia

Senhor Rei, já desde a Aurora,
Ali da banda de fora,
Anciosa espera a licença
De vir à vossa presença
Uma mocinha pastora.

Principe

Que venha sem mais detença,
Quero-a ver sem mais demora.

Pagem

Vem descalça a pobrezinha...

Principe

Mais depressa deve entrar,
Não vão cansar-se d'esperar
Os pés nus da pastorinha.

Um fidalgo

Nunca tal vi conceder,
Não é uso...

Principe

Mas vai ser.

Entra a Pastora. Traz ao colo um cordeirinho branco. Cajado na mão e a cesta dos presentes. Atrás dela, o cão.

Donde vens, amiga minha?

Pastora

Venho de além
De longes terras,
Por vosso bem,
Das altas serras,
Onde o meu gado
Tenho guardado
Mai-la nh'a mãe.

Cimos nevados,
Alumiados,
São lá nos céus
Tronos doirados,
Onde está Deus,
E virgens, anjos,
Brancos arcanjos
São assentados.

E olham por mim
E olham por vós;
Com êles vim...
Viemos nós,
Cão e cajado,
Anho adorado,
Branco jasmim.

Estes bolinhos
Vimos trazer,
E estes queijinhos,
Por mais não ter:
Queijos d'ovelhas,
Mel das abelhas,
Pois que há de ser?

Bilha de leite,
Outra de azeite,
Estas amoras
Para as Senhoras
E um requeijão;
Manteiga fresquinha,
Uma galinha...
E meu coração.

Príncipe

Deus te salve, ó alma pura,
Deus te dê a salvação,
Inocente criatura,
Cheia de graça e frescura,
Deus te guarde em sua mão!

Coração imaculado,
Por tudo quanto me deste,
Leite fresco e mel doirado,
Pelo bem que me fizeste,
Pastora, muito obrigado.

Príncipe, sobe com a Rainha ao Trono e depois diz:

Nobres, leais cavaleiros
E barões assinalados,

Que em combates esforçados
Mostrais ser sempre os primeiros!
Companheiros muito amados,
Ricos homens, infanções,
Que no alto dos pendões
Trazeis, a oiro bordados,
Leões e tigres alados,
E sois irmãos dos leões,
— Vou dizer-vos meus cuidados
E minhas régias tenções!

Como hei de ser vosso Rei,
Se da vida nada sei?
Nesta côrte de elegâncias
E de intrigas mist'riosas,
De palavras mentirosas,
Passei tôda a minha infância;
Na mais perfeita ignorância
Dêste mundo me encontrei...
Como hei de ser vosso Rei?

Como há de saber reinar,
Pátria Santa defender,
Sôbre a Terra e sôbre o Mar,
Quem não sabe o que é viver?!

Quero pois ir aprender
Tudo aquilo que não sei
— Para ser o vosso Rei.

Vou deixar-vos, meus amigos,
E a vós, damas desta côrte,
Entre lutas e entre p'rigos
Vai lançada a minha sorte:
Vou saber a Vida a fundo,
Irei dar a volta ao Mundo,
Vencerei a propria Morte!

Fica tôda a Côrte alvoroçada. Cavaleiros, moços e velhos, erguem os braços ao ar, soltam exclamações de espanto e de aflição:

— Oh que desgôsto profundo!
— Do que oiço estou pasmado!
— Fica o reino abandonado!
— Fica a barca sem ter norte!

Principe

Descanse o vosso cuidado
Que não há de que ter sustos:
Se os vossos peitos robustos,
Êsses nobres peitos d'aço,
Arderem de amor sagrado

Pela Pátria sacrosanta,
Nenhuma fôrça quebranta
A fôrça do vosso braço!
Se assim fôr, vou descansado,
Nenhuma falta vos faço.

Rainha, com voz lacrimosa

Senhor, que fico sòzinha!...

Príncipe

E a vós, Senhora minha,
Mil perdões aqui vos peço;
Vossa graça não mereço,
Gentil Senhora e Rainha!
O coração me adivinha
Que tem p'rigo de perder-vos
Quem só cuida em merecer-vos.
Por êsses mundos andando,
Glória e fama alcançarei,
Batalhando e trabalhando,
A vossos pés voltarei,
Não sei eu dizer-vos quando,
Mas juro que aqui serei...
Só em vós irei pensando,
Só convosco casarei.

Isto aqui estou jurando
Sob palavra de Rei.
Até lá, ao vosso mando
Tudo tem que se fazer...
Quem não há de obedecer
Ao gesto suave e brando
Do braço duma mulher?!

Triste vou de vós embora,
Mas, sendo vós sôbre o trono,
Não deixo o reino sem dono,
Pois vo-lo deixo, Senhora...
Melhor que fôsse comigo!

Apontando o Bobo

Aqui vos deixo um Amigo,
— Tratai bem esta Pastora.

Já a hora se avizinha
Da partida, ó flor de neve,
Flor d'amor desta alma minha,
Que na vida outro não teve...

Para a Côrte

Ajoelhai ante a Rainha!

Tôda a Côrte ajoelha. O Príncipe beija a mão da Raínha. Desce os degraus do trono e cheio de tristeza

As mágoas da despedida
Êste meu peito consomem...

Bobo, *batendo com a moca no chão com tôda a fôrça*

Vais saber o que é a vida,
Aprender a ser um Homem!

O Príncipe ergue a cabeça e vai saindo devagar mas com solenes e firmes passos. A Rainha desce a acenar com seu lencinho branco de fina renda. Atrás, tôda a Côrte a imita, agitando lenços de variegadas côres; os anõezinhos, com grandes lenços d'Alcobaça. Vão saindo todos. Fica só o Bobo, lavado em pranto

Vai-se o amigo e fico só...
Já de mim ninguém tem dó!
Ai, que rebento a chorar!

Mas nisto dá com os três Mestres desmaiados, sempre na mesma posição, e que, com a saída da Côrte, estão agora a descoberto. Desata a rir

Olha os três!
'Stão a pensar!
Dou-lhes um livro a cheirar,

Qu'em lhe sentindo o bafio
Lá da velha livraria,
Dá-lhes logo um arrepio
De saúde e alegria:
Êl's vão já ressuscitar!

Pega do imenso Livro da estante, e, junto aos narizes dos Mestres, sacode-lhe com força a velha poeira. Os três Mestres espirram: Atchim! Atchim! Atchim! E começam a mover-se.

Recos-trecos,
Eh, bonecos!
Recos-trecos,
Toca a andar!

Como articulados bonecos, os Mestres vão-se levantando e marcham muito tesos pela porta fora. O Bobo, abraçado à sua moca, vai dançando atrás dêles.

QUADRO II

Na Câmara da Rainha

Ainda antes de subir o pano, já se ouvem muitos risos. Risos finos e alegres das damas que, ao abrir da scena, estão na câmara da Rainha bordando e gralhando. O Bobo, coitado, está sentado no chão, muito triste, pelas muitas saudades que tem do seu Amigo. Por isso as damas o troçam e riem cada vez mais alto, ao vê-lo tão sombrio e amuado. A Rainha sorri, mui gostosa.

As Damas, troçando o Bobo

— Baila, Bobo, o bailarico!
— Baila bem, que não te cansas!
— Salta, dança, mafarrico!

Rainha

Dança, Bobo...

Bobo, de beiço estendido

É o danças...

Rainha

Precisa ser castigado.

Uma dama

Dizem 'star muito mudado.

Rainha

E de que são tais mudanças?

Bobo

Senhora, são alembranças
De quem vai tão mal lembrado...

Dama

Que Bobo tão malcriado!
Mandai vir o lindo anão
Da Côrte de vosso Pai.

Dama velha, d'óculos e pêlo na venta e que, pela sua idade, tem licença para tratar a Rainha por tu

Quão dif'rente dêste traste!...
Não soltou nem ui nem ai
Quando tu, por tua mão,
As barbas lhe depenaste!

Rainha, saudosa

Tudo e todos tão dif'rentes!...

Bobo, arreganhando a dentuça

Os Bobos, cá, teem dentes!

Velha dama, furiosa

Pois é mandar-lhos partir.

Bobo

E depois como hei de eu rir?
... Nesse dia em que chegar
Aquel' que está para vir?
E como é que hei de trincar
Os piruns, patos, leitões,
Galinhas, anhos, capões,
Ricas pernas de vitela,
Dez léguas de salpicões,
Bôlos rei e coscorões,
Arroz doce com canela
A bordar dois corações?
— Dois corações bem pintados
Por uma seta atravessados

E as duas iniciais
De dois nomes enlaçados,
Dos vossos nomes reais!...
Como sou dos convidados,
Preciso dos meus queixais.
Que lá no dia das bodas

Dando grandes palmadas na pança

Trabalham as tripas tôdas!
Que grande dia, êsse dia!...
Grandes pratadas de c'ruto!

Rainha

Ai, Jesus, que me agonia!...

Dama

Ai, Jesus, que grande bruto!...

Bobo

Hei de encher bem a medida.

Dama, aflitíssima

A Rainha desmaiou!

Bobo, rindo muito

Foi do cheiro da comida!...

2.ª Dama

Acordai, Senhora minha!

3.ª Dama

Chamai o físico!

4.ª Dama, saindo a correr

Eu vou...

1.ª Dama

Como está branca a Rainha!

2.ª Dama

Deu-lhe o flato, coitadinha,
Tragam-lhe o frasco dos sais.

Assomam à porta três cavaleiros: Dom Jagodes — o Cavaleiro Vermelho, vestido todo de vermelho; Dom Roupinho — o Cavaleiro

Amarelo, vestido de amarelo; Dom Fuas — o Cavaleiro Furta-côres, vestido de sêdas furta-côres.

Bobo

Olha, os sais lá vem chegando...
Que ela os cheire, que em cheirando,
Já não precisa de mais.

Rainha, volta a si e solta um ai

Parece que estou sonhando!...
Ó meus leais cavaleiros
E barões assignalados,
Que em combates esforçados
Mostrais ser sempre os primeiros,
Companheiros muito amados...

Os três cavaleiros ouvem estas doces falas, com as mãos nos corações e lábios encanudados.

Bobo

Que três grandes descarados!
Grandecíssimos brèjeiros!

Jagodes, de grandes bigodes, lançando a mão ao punho da espada

Senhora, quem vos fêz mal?

Roupinho, com voz de trovão

Mal haja quem se atreveu!

Dom Fuas, dulcíssimo, careca e de bandolim a tiracolo. Os cabelos que lhe restam caem-lhe em compridas madeixas sôbre as costas

Falai, em nome do céu!

Dama

Foi o Bobo, êste jogral!...

Bobo, pondo a moca em riste para os cavaleiros que o ameaçam

É mentira, não fui eu!...

Rainha

Foi antes esta tristura
Em que me vejo sòzinha,
Êste mal que não tem cura;
Minha sorte malfadada
D'abandonada Rainha,
Triste noiva abandonada!
Vinde a mim, ó cavaleiros,
Achegai-vos todos três.

Os três cavaleiros

Aqui estou a vossos pés

Rainha, desvanecida

Bons amigos verdadeiros!...
Assentai-vos neste estrado;
Dom Fuas, a êste lado,

Afinai o bandolim
E improvisai para mim
Um alto canto inspirado!
Dom Roupinho, mui calado,
Assenta-se aqui assim...
E, defronte, êste guerreiro
E formoso Dom Jagodes
Ficará todo lampeiro
A retorcer os bigodes!...
Começai vossa canção
Tão doce, terna e gemida,
Tão requebrada e sentida
Que me chegue ao coração...

Dom Fuas, cantando ao som do bandolim

Ai, morro, morro d'amores
Por Senhora desta Côrte,
Por Senhora desta Côrte;
Matando-me a mim de dores,
Não terá pena de morte,
Não terá pena de morte!

Não terá pena de morte,
Nem terá pena de mim!
Com pena das minhas penas,
Pena, pena, bandolim.

Pena, pena, bandolim,
Pena, pena e solta um ai...

Entra a Pastora, a mêdo e humilde.

Rainha, tôda furiosa

Acaso te dei licença
De te chegares a mim?
Fora da minha presença!

Pastora

Eu vinha, Senhora,
Dizer-vos adeus,
Para o pé dos meus
Me vou sem demora...
P'ra que pôr-me fora!?

Cá vai a pastora
P'rà sua Montanha
Tão alta, tão alta!
Já faço lá falta,
Mais cedo antes fôra...
Só Deus me acompanha
Mais Nossa Senhora.
P'ra que pôr-me fora!?

Dama velha

Ora vêde a cega-rega!...

Rainha

Pois é bom meu coração,
Eu te concedo o perdão,
Meu perdão nunca se nega.

Um pagem moço

Peço deis por compaixão
Um chaile à pobre pastora,
Um chailinho, que lá fora
O frio faz aflição...

Rainha

Qu'reis ensinar a Rainha?!

Dama velha

Dai-lhe o esfregão da cozinha,
Que se embrulhe no esfregão.

Rainha

Ora vejam meu tormento!
Nem de noite, nem de dia,

Me deixam um só momento,
Para um pouco de poesia,
Um pouco de sentimento!

Bobo, atirando, danado, com o chapéu ao chão

Valha-me a Virgem Maria,
Que se não falo, arrebento!

Dom Fuas

Alma minha encantadora!

Bobo, mal se podendo conter

Isto vem a acabar mal...

Entra um pagem com um velhíssimo trapo todo esburacado.

Eis um presente real!

Pastora, cobrindo-se com o trapo velho como se fôsse um chaile

Eu vos dou graças, Senhora!
Adeus, Bobo...

Bobo

Adeus, Pastora...

E emquanto sai a Pastora, o Bobo dá grandes punhadas no próprio toutiço, esbugalhando os olhos a fuzilar de cólera.

Rainha

A revirar êsses olhos,
Que estás fazendo, Jogral?

Bobo

Estou a matar os piólhos!

Damas, rindo da cólera do Bobo

— Baila, ó Bobo, o bailarico
— Baila-o, baila-o bem bailado,
— Salta, dança, mafarrico,
— Baila, ó Bobo malcriado!
— Pastorinha já lá vai,
Foi-se a tua rapariga...

Rainha

Silêncio! Vossa cantiga
Cantai, Dom Fuas, cantai!

Dom Fuas

Pena, pena, bandolim,
Pena, pena e solta um ai...

Físico, entra com uma imensa seringa e logo atrás o ajudante com uma grande lanceta

Senhora, correndo vim
O mais depressa possível;
P'ra vos dar alívio pronto
Milhentos remédios conto,
Que são de efeito infalível!
Faz milagres êste unguento

Todo da minha invenção,
Do qual basta uma fricção
E logo o mal se alivia...

Bobo

Só faltava êste jumento!...

Físico

Precisais duma sangria...
Para o sangue lhe aparar
Dai-me toalha e bacia.

Rainha

Ai, que volto a desmaiar!

Físico

Tende coragem, Senhora,
Deitai a língua de fora,
Quero ver se é saburrosa,
Se a bôca está mal cheirosa,
Se a tripa co'o bofe briga;
Deixai-me ver a barriga,
Essa barriga real,
Que é de lá que o mal respinga,
Que é de lá que assobe o mal!

Bobo

Que tal está o da seringa!

Rainha

Só sofro do coração,
Uma dor que nada acalma!
Só sofro nesta minh'alma,
Que não tem consolação.
Do martírio eu quero a palma!
Deixai-me, Doutor, deixai,
Não tomo a vossa mezinha;
Deixai entregue a Rainha
Á sua dor. Fuas, cantai!

Dom Fuas

Pena, pena, bandolim,
Pena, pena e solta um ai...

Mas o Bobo, mariola, pé ante pé, escondendo-se por detrás das pessoas, consegue desfechar a seringa do Físico na bôca aberta de Dom Fuas, que fica muito aflito.

As damas, tôdas aos gritos, correndo a Dom Fuas, a abanarem-no com os lenços e com os leques

Coitadinho! coitadinho!
Que aflitinho!

Ai, que morre o lindo anjinho!
Vai morrer envenenado,
Sufocado,
Sufocado,
Ai, que está sufocadinho!

Bobo, muito feliz com a partida, dançando com a sua moca

Pena, pena, bandolim,
Pena, pena e solta um ai...

Rainha, em pé, com voz enérgica

Físico-mor, que foi isto?
Como tal aconteceu?

Físico

De-certo coisa do céu,
Um milagre nunca visto!
Por êsse canto que ouvi
A Dom Fuas inspirado,
Eu logo me apercebi
De que estava agoniado.
A droga saiu por si,
O remédio repuxado
Foi pela própria doença...
Vou ver se me dais licença..

Bobo, dançando sempre

O Dom Fuas seringado!

Dom Fuas volta a si, já melhorzinho.

Damas, enternecidas

Não foi nada, não foi nada,
Aqui está são e escorreito,
Êste lindo amor perfeito,
Êste alminha apaixonada!

Físico

Passou-lhe a gosma, Senhora!
Ficou mais limpa a goela,
A maleita foi-se embora.

Bobo

Que rica seringadela!

Rainha

Dom Fuas, sentis-vos bem?

Dom Fuas

'Stou melhor, muito melhor...
Ai quanto por vosso amor
Dom Fuas sofrido tem!

Bobo

Do pena, pena, não passas,
Meu Dom Fuas trovador!

Damas

Pedimos para dançar,
Senhora, em acção de graças.

Rainha

Concedo: podeis bailar.

Bailam ao som da música uma dança de Côrte. Mas nisto ouve-se lá fora um toque de trombetas. Pára a dança e entra um Pagem.

Pagem, muito pálido e trémulo

Senhora, agora chegado,
Está lá fora um mensageiro,
Que tem pressa em seu recado,
Alto e nobre cavaleiro,
Todo de negro vestido,
Todo em lágrimas banhado,
Pede p'ra ser recebido.

Rainha

E não vos disse ao que vinha?

Pagem

Preguntei, Senhora minha,
Mas êl' quedou mui calado.

Rainha

Que venha aos pés da Rainha.

Entram seis Cavaleiros vestidos de negro; capacetes negros, plumas negras. Perfilam-se à porta, três de cada lado. Por entre êles passa então o sétimo Cavaleiro Negro, que se dirige à Rainha.

Quem sois vós, ó mensageiro,
Donde vem vossa mensagem?

Cavaleiro

Sou um triste cavaleiro
Que vem de longa viagem.

Rainha

Que vem de longa viagem,
Por meu bem, ou por meu mal?

Cavaleiro

Por vosso mal é, Senhora,
Trago uma nova fatal!

Rainha

Fatal nova, cavaleiro,
Dizei-ma, que a ouvirei.

Cavaleiro

Eu não sei como dizê-la,
Nem a vós como a direi,
Pois mal haja a minha sorte,
Más novas trago d'El-Rei!

Á palavra «El-Rei», os seis Cavaleiros desembainham as espadas. A Rainha e as Damas erguem-se de pé: todos os personagens ficam hirtos, parecendo estátuas. E no meio daquele terrível silêncio, de novo se ergue a voz terrível do Cavaleiro Negro.

No alto duma alta serra,
Que a tôdas as serras ganha,
Uma Bruxa tudo aterra,
Negra Velha da Montanha,
Que a nosso Rei fêz a guerra!
Negra luta em noite negra,

Nem um ai sequer se ouviu,
Contra o seu peito de pedra
Sua espada se partiu!
Sua espada, seu tesoiro...
Não se encontra a espada d'oiro,
Nem El-Rei jamais se viu!...

Ouve-se um grande estrondo: É o Bobo que tombou de joelhos, a fronte tocando o chão.

Rainha

Mensageiro da má sorte,
Que eu nunca vos veja mais.

Saem em silêncio os sete Cavaleiros negros. Ouve-se de novo o toque das trombetas, depois, mais longínquo, como um lamento...

Soltemos queixas e ais...
Decreto o luto na Côrte.

Erguendo os braços ao céu

Quem mais triste é do que eu?

Durante êste tempo o Bobo foi erguendo a fronte do chão. O rosto iluminou-se-lhe como se ouvisse uma voz oculta... Alegra-se e, pondo um dedo nos lábios como quem pede segrêdo, diz para si mesmo

É mentira! Não morreu!

QUADRO III

Sala do Luto

Dobram os sinos pela morte do Príncipe. A Rainha, com um véu negro que arroja mais dum metro pelo chão, tem as Aias à sua roda ajudando-a a vestir e compor: uma com o pó d'arroz para tornar mais pálida a Rainha, outra com o estojo das unhas, outra pintando-lhe as olheiras, tôdas emfim empregadas em tornar o mais encantador possível o luto da Rainha.

Rainha, com voz chorosa e magoada

Ai, êste dobrar dos sinos
Corta, corta o coração!
Dobram sinos, dobram sinos...
Tlim-tlão! Tlim-tlão!

As damas, não menos comovidas

Telim-tlão!

Rainha

Amigas, vosso par'cer
Dizei, vossa opinião,
Que nesta minha aflição,

Ainda que mal pareça,
Nem eu sei que hei de fazer,
Nem onde tenho a cabeça.
Preguntar nunca fêz mal...
Passei a noite a pensar
Se devo pôr ou tirar
Êste sinal tão bonito,
Êste meu lindo sinal.
Será no luto exquisito?
Não se porão a falar?
Fazem de tudo um delito!...
Tanto dito, tanto dito!...

Dama

Pois que êle é preto, Senhora,
Acho que fica a matar
E diz com o luto d'agora.

Outra dama

Um sinal não é enfeite...

Outra dama

E lembra em taça de leite
O luto triste da amora!...

Deixai ficar o tristinho,
Deixai ficar o pretinho
Em vosso rosto, Senhora!

Rainha

Fique então o sinalinho.

Que me ampar' vosso conselho
Pois não tenho mais a quem,
Doi-me até olhar-me a um espelho!...
Detesto tanto a vaidade!...
Dizei com sinceridade:
O preto fica-me bem?

Uma dama

Sois estrêla em noite escura!
Sois a estrêla que a Belém
Os Reis Magos conduziu!
Quem viu igual formosura?
Rainha assim, quem a viu?
Aos três Magos, perdidinhos,
'Strêla, vê se lhes acodes,
Aos três magos, coitadinhos:
Fuas...

Outra dama

Roupinho...

Outra dama

Jagodes!

Riem tôdas e a Rainha ri também.

Rainha

Só vós me farieis rir
No meio da minha dor!
Quem sofre não pode ouvir
Palavras doces d'amor!...

Dom Fuas?

Dama

Alma penada!...

Rainha

Roupinho?

Dama

Penando está!

Rainha

E êsse da longa espada,
O meu fero Dom Jagodes?

Dama

Pobre senhor! Lembram já
Dois ciprestes, seus bigodes!

Outra dama

Lá andam fartos de esp'rar,
Todos três em desesp'rança!

Rainha

Só cuido, em minha vingança,
A morte d'El-Rei vingar!

Dama

Senhora, que um tal cuidar
Vos dá cabo da saúde;
A doença assim se arranja.
Já vos disse quanto pude...
Tomai a flor de laranja.

Rainha

Só tomo a resolução
De of'recer a minha mão
Áquel' que a Bruxa matar.
Vença um dos três . . . e então
Com êsse me irei casar.

Dama

Ora isso é que é falar!

Damas

Bem pensado, bem pensado!

Outra dama

Qual será o vencedor?

Rainha

Quem tiver maior amor!

Olhai o meu penteado . . .
Bem lustroso e ondeado,
E estão suaves as ondas?
Sem ver bem não me respondas . . .
As unhas?

Uma dama

Mui bem polidas

Rainha

As olheiras?

Outra dama

Bem pintadas...
E as bochechinhas coradas
São como que assombreadas
Pelas pestanas compridas!

Outra dama

'Stais linda, linda, Senhora!
Que rosto lindo! Que rosto
Que a funda mágoa descora!

Outra dama

Que bem vos fica o desgôsto!

Rainha

Dai-me as lágrimas agora.

Uma das damas dá as lágrimas à Rainha: dois pingentes de cristal, que ela prende com cola em cada uma das bochechinhas.

Tôdas as damas, pondo as mãos, banhadas em pranto:

Coitadinha, como chora!

Rainha

Molhai em pranto o meu lenço.

Outra dama corre a ensopar em água o lencinho da Rainha.

Amparai-me, não dispenso
Vosso amparo em tão má hora.

Ouve-se de novo o dobre dos sinos.

Tlim-tlão! Tlim-tlão! Tlim-tlão! Tlão!
Ai, estes dobres sinistros
Sinto aqui no coração!
Vou reunir o conselho:
Mandai entrar os ministros...
Hão de querer dar ao bedelho
E dar sua opinião;
Mandai vir os cavaleiros
Que pretendem minha mão.
Ai, os sinos badaleiros,
Ai, os sinos badaleiros,
Tlim-tlão! Tlim-tlão!

Às damas

Telim-tlão!

Entram os ministros, conselheiros, as velhas figuras da Côrte, alguns com muito mais de cem anos. E Dom Jagodes, Dom Fuas e Dom Roupinho. O Bobo fica-se à porta, com as mãos apoiadas ao cajado, os queixos sôbre as mãos, a olhar muito sério para aquilo tudo.

Rainha, muita esperta e tôda tesa

Eu, a Rainha e Senhora
Deste reino poderoso,
Quer por dentro quer por fora,
D'aquém e d'além do rio
E terras do Jacaré,
Meu projecto glorioso
A vós, Senhores, confio
Tal e qual como êle é:
Á nação faço saber
Que à mais tremenda vingança
Vou em breve proceder.
Vou proceder à matança
Dessa Bruxa da Montanha
Que nosso Rei devorou!
E a minha mão de Rainha
Que dizem ser bonitinha,

Prometo à fé de quem sou,
Aqui vos juro que a dou
A quem matar a daninha!
O Conselho que aconselha?

O Conselho, todo como um só homem

A vingança da Rainha!
A serração já da Velha!

Rainha

Vou saber também agora,
Sincero amor, quanto podes!
Cavaleiros, vinde acá.
Respondei sem mais demora,
Fuas! Roupinho! Jagodes!
Qual dos três a matará?

Jagodes

Eu, Senhora!

Roupinho

Eu, Senhora!

Dom Fuas, num gesto lindo, todo requebrado:

Moi!

Jagodes, avança, estende solenemente a mão e jura:

P'las cinzas de Pero Pinho
E de Mem Famalicão,
Meus centésimos avós,
Por D. Urraca Sapinho,
Prima d'El-Rei de Leão,
Que dava pontos sem nós!
Senhora altiva e fermosa,
Viúva de Rui Trovão
E depois segunda esposa
Do afamado pai Adão,
Aqui vos juro vingar,
E certeiro atravessar
Dessa Velha o coração!

Roupinho, não menos grave e solene

Minha voz altissonante,
Com que o mundo todo aterro,
Se ao nariz me chega o esturro,
Pois com a força do meu berro
Já matei um alifante,
Quatro baleias e um burro
E trezentos mil macacos!
Nesta voz tonitruante
Lançarei tamanho urro,

Que faço a velha em cavacos!
Berrarei que é bruxa e feia,
E vereis que logo embucha
E treme e geme e estrebucha
E salta e chora e rabeia,
E lá morre a centopeia...
— Serei eu quem 'stoira a Bruxa!

Dom Fuas, todo doçuras

Pois eu,
Irmão de Orfeu,
Bem diverso é meu sistema.
Serei doce como o céu...
Suave,
Como uma pena
D'ave!
Direi verso tão docinho,
Tão lustroso e penteado,
Que a Bruxa pelo beicinho
Virá andando a meu lado.
Meu cantar macio e brando
Farei tão repenicado,
Que a Bruxa, repenicando,
Vem andando, andando, andando!...
Não é assim,
Meu bandolim?

Canta ao som do bandolim

«Vem, beleza,
«Vem, princeza,
«Sete-estrêlo,
«Meu tesoiro,
«Fios d'oiro
«Teu cabello!

«Vem, formosa,
«Branca rosa,
«Minha flor,
«Linda bôca,
«Minha louca,
«Meu amor!

«Teus dentinhos
«São seixinhos,
«Pedra rara!
«Tão gentil
«Mês d'Abril
«A tua cara!»

Ela, escutando
Tão doce carme,
Virá andando,
Virá andando,
Sempre a escutar-me!...

’Té aos pés de vós, Rainha!...

C’ uma faquinha
Afiadinha,
Mui afiada,
Envenenada,
Retalhareis tôda a velhinha!
Bem retalhada!
Retalhadinha!

As damas

Ai, que ternura:
— Retalhadinha!
Com a faquinha,
Que formosura!

Rainha

Cavaleiros d’aventura,
Ó almas aventurosas,
Buscai, correi à procura
De façanhas gloriosas,
Que eu ’spero em pranto e tristura!
Gentis Damas, dai-me as rosas.

E dão-lhe em salva d’oiro a rosa vermelha, a rosa amarela e a rosa furta-côres, que

a Rainha dá ao Cavaleiro Vermelho, ao Cavaleiro Amarelo e ao Cavaleiro Furta-côres: a seguir cada um dos Cavaleiros lhe beija a mão e diz

Roupinho

Dentro em breve aqui serei!

Jagodes

Dentro em breve aqui assim!

Dom Fuas, revirando seus doces olhos, nada diz, só solta um ai!

Rainha

O que vencer será Rei
Dêstes reinos e de mim!
Lavrem-se autos nestes têrmos.

Mas quando os três vão para sair dão de cara com o Bobo.

Bobo

Onde irão os estafermos?!...
Quo vadis, ó Dom Jagodes,
Dom Fuas, mais Dom Roupinho?
Que vos parto êsse focinho,
Que t'arranco êsses bigodes!
Estes três papa-toicinho

Também já querem ser reis!
As formigas com catarro!
Três bolas que não valeis
Nem três pontas de cigarro!
Êste parvo c'uma coroa!
E então êste! E êste então!
Tu de coroa na cabeça,
Ó Fuas 'tás c'uma pressa!...
Apanhas com esta mão
Mesmo ao alto da careca,
Que nem sabes onde vão
Parar tu mai-la rabeca.
Ides pois serrar a velha!?...

Rainha, trémula de cólera

Prendei-o, manda a Rainha!

Bobo

A Rainha está com a telha!
Mui nobre Senhora minha,
Vêde-lhe as tristes figuras!
Isto nem são criaturas
Feitas à imagem de Deus!
P'ra que servem? p'ra que são?

Isto até lá pelos céus
Já deve estar proibido...
São erros da criação.

Se os deixais aos três partir
Com esta embófia tamanha,
A Bruxa rebenta a rir,
Rebenta a rir a montanha!

Rainha

Homens d'armas, porque esp'rais?

Bobo

Para trás, ó alimais!
Para trás, vos digo eu!...
Senão trabalha o cajado...
Com voz grave e comovida
Senhora, o Rei não morreu,
E em breve será chegado!
Nalgum dia enevoado,
Todo envolto em claras névoas,
Êsse príncipe encantado
Andará léguas e léguas
P'ra vos ver e a mim também!
Não tenhais du'da, Senhora,
Êl' virá, que é nossa aurora
Êl' virá, que é nossa mãe!!

Acreditai no que eu digo:
Eu vos juro e jurarei
Que há de vir o vosso Rei,
Há de vir o meu Amigo.

Rainha

O Bobo doido prendei!

E como os Homens d'armas, impressionados com as palavras do Bobo, não se atrevem a prendê-lo,

A Rainha

Tendes mêdo ao mata-moiro?
Pois com êste fio d'oiro
Da sêda do meu cabelo,
Fino e leve, leve e loiro,
Vereis que é fácil prendê-lo...
Só com êste fio d'oiro!

E lança um dos seus cabelos sôbre o Bobo, e logo se transforma em correntes de bronze, tão pesadas e duras que o Bobo cai de joelhos prêso de pés e mãos.

Bobo

Mil graças, Senhora minha,
Rainha sois de traição!

Rainha, rindo muito

Os cabelos da Rainha,
Ó Bobo, correntes são...

As damas:

Os cabelos da Rainha,
Ó Bobo, correntes são...

Bobo

Ah, maldição! Maldição!

Rainha

Ei-lo prêso êste gigante!..

Dom Jagodes

Eia, ávante!

Dom Roupinho

Ávante!

Dom Fuas, todo aflautado

Ávante!...

A Rainha com um grande gesto imperial manda a todos que saiam. Fica só Ela com o Bobo

Bobo

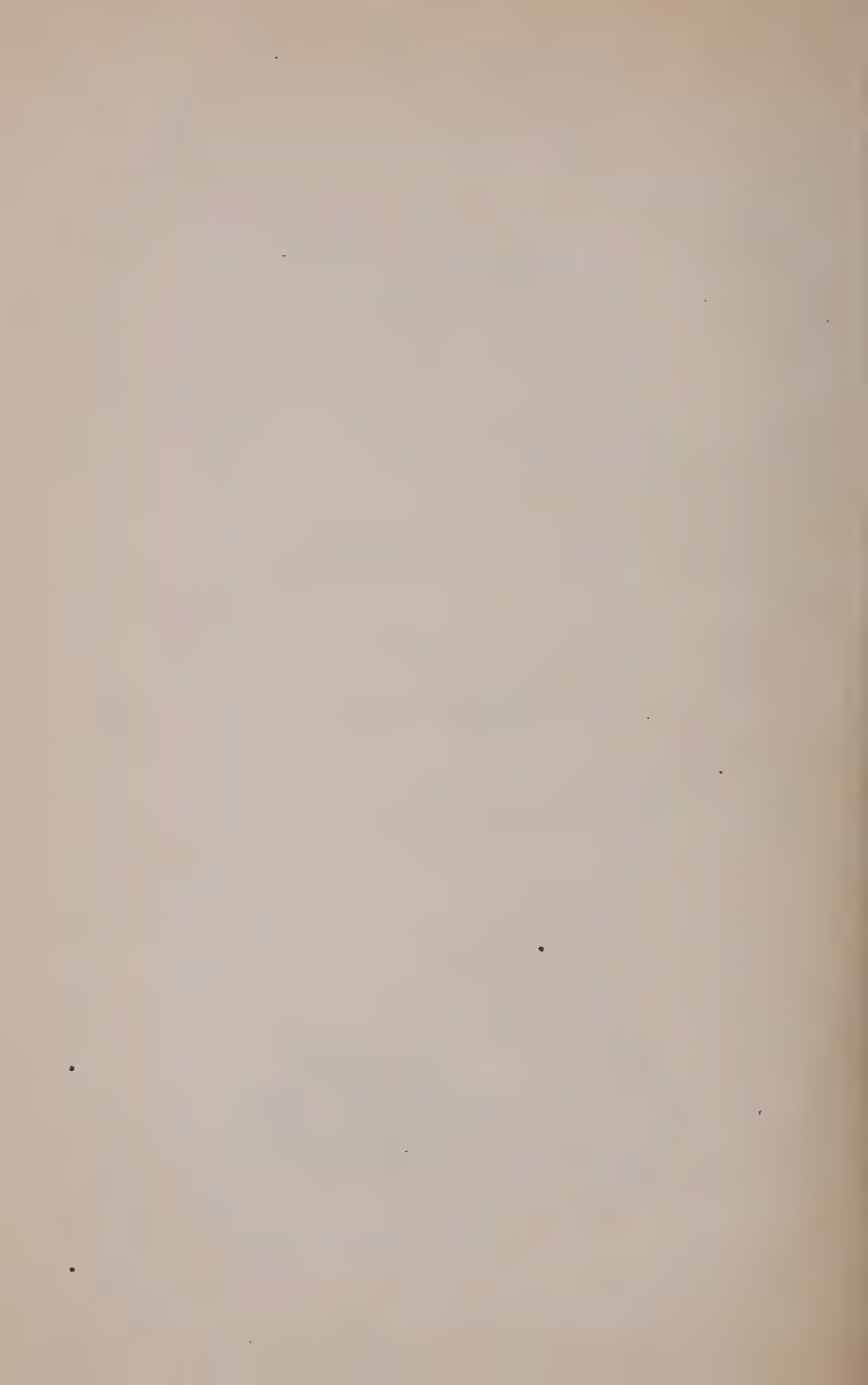
Que a terra tôda se abra
Para tal peste afundar.
Èste crime heis de pagar,
Rainha de Pé-de-Cabra!
Cabelos d'oiro — serpentes!
São de bronze estas correntes,
Mas vereis que hão de quebrar!

A Rainha levantando com as pontinhas dos dedos a sua linda saia, à roda do Bobo vai dançando e cantarolando:

E eu vou casar... vou casar!...

QUADRO IV

Na Montanha

De Noite

Na Montanha, ao cair da tarde. Cavada na rocha, uma negra e funda cova, ao pé da qual se ergue uma velha macieira. Mais adiante, uma fonte rústica de que se ouve o murmúrio da água. Junto à fonte estão raparigas d'aldeia enchendo os cântaros. Passa um pastor, tocando pífaro, com seu rebanho de ovelhas. É a hora da volta do trabalho. Ouve-se ao longe uma canção de cavadores, que de enxada ao ombro se veem aproximando. Ao verem as raparigas na fonte, param, poisando as enxadas. E, emquanto os outros fazem côro, um dêles canta:

Do sol nado até sol pôsto
Cavei terra todo o dia,
Vem limpar-me o suor do rosto
Com teu lencinho, Maria.

Uma Rapariga que responde:

Cavando nem vês a mágoa
Que êste meu peito consome,
Dou-te o lenço e a bilha d'água
Se me deres o teu nome.

O Cavador

O meu nome não val' nada
Nem eu cá o sei 'screver,
Só tenho o braço e a enxada
Para dar a uma mulher.

A Rapariga

Não me faltes, que eu não falto
Ao sagrado juramento,
Quando erguer's a enxada ao alto
Põe em mim o pensamento.

As raparigas dão-lhes a água. Êles bebem e seguem cantando. E elas seguem depois, cântaros aos ombros. Montada na sua burrica, entre bilhas de lata nova, passa uma leiteira.

Leiteira

Anda, burra, mexe os pés,
Que o meu homem quer cear;
— Arre, burra!
Bem mais burra que tu és,
Fui eu burra em me casar.
— Arre, burra!

Leiteira e burra — é destino!
Servem-te as bilhas de enfeite,
— Arre, burra!
Eu só tenho o meu menino,
Todo branquinho de leite.
— Arre, burra!...

Pouco a pouco a Noite foi cobrindo a Montanha. Começa no escuro a dança luminosa dos pirilampos. Um grande Mocho vem poisar no alto da rocha, por cima da negra

cova. Pia tristemente, e outros pios lhe respondem de longe em longe.

Mão direita no punho da espada, passo a passo, como quem espreita o inimigo, surge Dom Jagodes, o Cavaleiro Vermelho. Seguindo-o em fila, imitando-lhe os movimentos, três outros Cavaleiros Vermelhos, seus irmãos d'armas, avançam para a Cova.

Dom Jagodes, *para os companheiros:*

Olhai bem estes bigodes!
Olhai bem esta peitaça!
E vêde se em fôrça e graça
Excede alguém Dom Jagodes,
Perfeito tipo de raça!
Minha heróica durindana,
Vais, ó Bruxa, conhecer;
Ás minhas mãos vais morrer,
Sou Jagodes duma cana,
Que o mundo faço tremer!
Sou Jagodes fero e amante,
Com pêlos no coração,
Sou Dom Jagodes gigante!

Descalça a luva, e lança-a em desafio contra os rochedos

— Aí tens o meu guante,
Ergue-o, se podes, do chão!

De dentro da Cova começa a sair a Velha da Montanha: É imensa, com um carão horrível, cuja vista mete mêdo. Traz na mão direita uma vassoira enorme, e a mão esquerda puxa por grossos cordéis com que abre e fecha a bôca de enormes dentes e os olhos que deitam lume.

Velha

Uh! que t'arranco uma orelha,
Jagodes Parlapatão!

Os três Companheiros, tremendo como varas verdes

A Velha Furrunfunfelha!

Velha

Ponho-te o corpo em salmoira,
Que te dou com a vassoira...

Por detrás das rochas, dos arbustos e da fonte, aparecem, escondem-se e voltam a aparecer, todos a rir, muito pequeninos, com carapucinhos, de grandes barbas verdes e outros de barbas brancas,

Os anõezinhos da Montanha, a gritar, a gritar:

Mata a Velha! Mata a Velha!

Dom Jagodes puxou logo da espada, mas só consegue desembainhar até metade do ferro. Por mais que puxe e repuxe, ela não sai

mais da bainha! Os anõezinhos cada vez riem e gritam mais: Mata a velha! Mata a velha! Até que esta atira à cabeça do Cavaleiro uma tremenda vassoirada!

Dom Jagodes, *cambaleia e, por fim, tomba, com estas solenes palavras*

Ai, Velha Furrun...fun...felha!

Os três Companheiros fogem desabaladamente. A velha volta para a sua Cova. Entra depois Dom Roupinho, Cavaleiro Amarelo, com três Companheiros também todos amarelos. Um dos Companheiros traz na mão um copo d'água, outro traz um guardanapo e o terceiro, um cesto com ovos: tudo o que é preciso a um orador. Descobrem-se ante os restos mortais de Dom Jagodes.

Dom Roupinho

Dom Jagodes destemido
E meu temido rival!
Jagodes, pobre animal,
Jagodes já falecido
Por meu bem e por seu mal...
Teu valor a morte o atesta,
Digo-o aqui na tua frente:
Jagodes foste um valente!
Jagodes foste uma besta!

Para os Companheiros

Creio que fui eloqüente!

O melhor vai ser agora:
Com duas falas e meia
Arrebento a centopeia,
Essa bruxa assustadora.
Ides ver que verborreia!

Com meu discurso de truz,
Fica a velha embasbacada
Não dirá nem-chus-nem-bus.

Um dos Cavaleiros

— Dom Roupinho, os ovos crus.
Tomai a vossa gemada ;
Mais som e fôrça à goela
Os ovos sempre darão...

Roupinho

Deixai ver essa mistela...
E verêdes que sermão!
Nest' hora encarno a esperança
E glória de todo um povo!
O vosso cuidado louvo
E vossa gentil lembrança:
Dai-me um ovo, e outro ovo...

E assim vai chupando uma dúzia d'ovos crus

Já o ventre me assubiu!...
Momento grave na História!
Alto exemplo de oratória
Como igual jamais se viu,
Doutro igual não há memória!

Se a voz um dia me ouvira,
Ecoando de frágoa em frágoa,
Com vergonha, inveja e mágoa,
Até Cícero fugira!

Deixai ver o copo d'água.

De copo na mão

Não estar a ouvir-me a Rainha!...

Bebe, limpa a bôca eloqüente ao guardanapo e tosse com prosápia e estrondo. E, por tôda a Montanha, os anõezinhos, por troça, vão tossindo, tossindo... Surge de novo a Velha. Dom Roupinho quere dizer o seu discurso, mas,—que desgraça!—só gagueja. E os Companheiros, cheios de mêdo, a tremer, gaguejam também:

Qqqueee... sssentis?

Roupinho

Sei lááá... q...q...que sinto!
...Um p...pinto, outro e outro pinto!

E começa a vomitar pintos, muitos pintaínhos, que lhe nasceram na barriga dos muitos ovos que comeu. E por fim

Um g...galo! E uma g...galinha!

Ai muito c. . .usta a ser Rei!

A Bruxa dá-lhe uma vassoirada

Estou pronto! arrebentei!

Tomba Dom Roupinho, estendido ao lado de Dom Jagodes. A Bruxa volta à sua Cova. E aparece Dom Fuas e mais três Companheiros, vestidos como êle e também com bandolins. Mas traz cada um sua sombrinha branca aberta, por causa da cacimba da noite. Muito lindos!

Dom Fuas, ao ver mortos os seus dois rivais

Coitadinhos!
Falecidos,
Perdidinhos,
Bem mortinhos,
Coitadinhos! Coitadinhos!
Ai, que coisa tão jocosa,
Só resta a minha pessoa!
Venha o Sceptro e a Coroa
P'ra esta fronte formosa.
Dom Jagodes, ai que seca!
Dom Roupinho, um pobre mono!
Ai, Fuas, sobes ao trono
Mesmo ao pintar da faneca!

Velha, saindo da toca

Quem és tu, ó da rabeca?

Dom Fuas, atirando-lhe de longe três beijos repenicados

Dom Fuas, p'ra vos servir!

Velha

Canta lá, quero-te ouvir.

Dom Fuas pega do bandolim, põe os olhos no céu, e quer cantar; mas só consegue ladrar como um cão

Beu, beu! Beu, beu! Beu, beu, beu!

Respondem-lhe os anõezinhos, imitando-lhe os ladridos, e, ao longe, todos os cães da Montanha. Dá-lhe a Velha com a vassoira na careca e Dom Fuas cai a ganir como um lúlú!... E morre. Os Companheiros fogem largando as sombrinhas. E os anõezinhos veem todos aos saltinhos, cantar e bailar à roda dos três Cavaleiros mortos, e brincam, divertidissimos, com as sombrinhas brancas. Terminam por fim a sua dança, e vão-se, rindo, levando pelo ar três longos farrapos: um farrapo vermelho, outro amarelo e outro furta-cores — tudo o que resta dos três Cavaleiros da Rainha, pois que os seus corpos já lá não estão: sumiram-se encantados! E sumiu-se a Bruxa. O chão da serra ficou todo limpo. A negra noite é agora ainda mais negra. Mais tristes os pios dos tristes mochos! Longo silêncio.

Por um carreirinho da serra, vem descendo a Pastorinha.

Pastora

Que noite calada!
Silêncio tão triste!
Ai, Virgem Sagrada,
Rainha e Senhora,
Que sempre me ouviste,
Tem dó da coitada
Da tua pastora,
Agora e na hora.

Tu foste pobrinha
Assim como eu,
E és hoje Rainha
Que está lá no céu,
Cercada de luz!
Por êste caminho
Meus passos conduz
A passo certinho,
Como os do burrinho
Onde ia Jasus.

Que noite tão escura!
Não bole uma asa,
Silêncio e negrura!
Nem sei onde hei de ir...

Ficou lá em casa
A mãe a dormir
E mai-lo meu anho;
O cão não quis vir...
E todo o rebanho
Das minhas ovelhas,
Debaixo das telhas,
'Stá todo a dormir.

O meu irmãozinho
Lá estive a embalar;
Se acorda o anjinho,
Quem o há de calar?
Tão lindo e tão pobre!
Tem já muito tino,
Mas se êl' se descobre,
Quem o há de tapar?
Meu lindo menino,
Que tão pequenino
Sorri, a sonhar!

Na noite cerrada
Só eu acordada,
Só eu pelos montes
Mai-las minhas mágoas,
Ai, sou como as águas

Correndo nas fontes,
Saltando nas frágoas.
Não vou mais além...
Doridos e roxos,
Meus pés, já tão frios,
Mal posso mover;
Não oiço ninguém,
Só falam os mochos,
Só ouço os seus pios,
Ai, vou-me perder!

Senta-se no chão, quási desfalecida. Mas, pouco a pouco, seu rosto ilumina-se de coragem e de esperança. Seus olhos cheios de lágrimas, parecem estrêlas!

Pastora perdida,
Deixá-la perder!
Qu'importa, pastora?
Qu'importa morrer
Salvando uma vida?
Bemdita esta hora!
Eh, serra tamanha,
Não me farás mêdo!
Velha da montanha
Quero o teu segrêdo;
Vê se mo descobres,
Diz-me, pois não sei,

Aonde está o Rei
Que era irmão dos pobres.
Príncipe adorado,
Senhor dos Senhores,
Pastor dos pastores,
Por ti encantado!
Aonde se esconde?
Montanha, responde:
Aonde? Aonde?
Aonde? Aonde?

E os ecos da Montanha vão, ao longe, repetindo:

Aonde? Aonde? Aonde?

Velha, que volta a aparecer

— A velha responde
Que perto se esconde;
Se queres saber,
Eu vou-te dizer;
Avança o teu passo,
Sem alma tremer,
E dá-me um abraço,
Que eu vou-te comer!
Pastora novinha,
Melhor que Rainha!

Nem soltas um grito!...
E dêsse cajado,
Mui bem aguçado,
De pau bem valente,
Eu faço um palito
Para o meu dente.
Cá vai a Velhinha
Comer galinha
Tôda contente:
Pastora novinha
Melhor que Rainha!

Matei o da Espada
Mais o palrador,
Duma vassoirada
Matei o cantor;
Matei o da Espada
Da roupa encarnada,
E mais o amarelo,
E o furtacor!
Não os pude roer,
Mas vou-te comer!...

Começam de novo os anões a espreitar, e, por todos os lados, lobos aparecem com os olhos a luzir na escuridão:

Já estás encantada,
Não podes partir,

Já estás bem cercada,
Não podes fugir,
Já vejo os meus lôbos
D'olhos a luzir,
Já vejo os meus bobos
Aos saltos, a rir!
Pastora novinha,
Melhor que Rainha,
Os meus dentes são
Dentes de leão!

Pastora

Que queres de mim?

Velha, com voz soturna

O teu coração!

Pastora

Pois bem, seja assim,
Pois bem, assim seja.
Já que eu aqui vim,
Só quero dizer
O que é que deseja
Minh'alma de ti;
E juro-te aqui

Que tudo farei,
De boa vontade
Meu sangue darei,
Se posso saber
Que tens a bondade
E tens o poder
De salvar o Rei.

Velha

Aquela que encanta
Também desencanta,
Tudo o que tomba
Também se alevanta,
Áquele que zomba
A velha o quebranta!
Sou morte e sou vida,
Sou vida e sou morte:
Pastora perdida,
Qual a tua sorte?
Tu queres viver,
Ou salvar o Rei?
Responde, pastora.

Pastora

Resposta já dei.

Velha

Torna a responder.

Pastora

Salva-o sem demora,
Salva o Senhor Rei!

Velha

Então vais morrer!

Pastora

Feliz morrerei.

Só peço uns instantes
Para a despedida
De tudo o que amei.

Estrêlas brilhantes,
Luzeiros dos céus,
E a minha escolhida,
Estrêla divina,
A mais pequenina,
Sumida... sumida...
Lá perto de Deus!

Oh nuvens doiradas
Nas tardes caladas,
Nas claras manhãs,
—Oh sonhos de Deus!
Oh nuvens irmãs,
Oh estrêlas irmãs,
Para sempre, adeus,
Ai, adeus! Adeus...

Oh altas montanhas,
Oh vales floridos!
Luar que acompanhas
Pastores perdidos
Nas altas montanhas!
Ervinha rasteira,
Oh verde vestido
De vales e montes!
Oh mansa oliveira!
Oh chôro das fontes,
Tão longo e sentido!
Oh pedras pisadas,
Mòlhinhos de lenha!
Oh pobre estamenha
Das saias rasgadas
Por tantos espinhos!
Oh tristes caminhos

De bruxas e lôbos,
De mortes e roubos,
Tão ermos, sòzinhos!
Oh, altos pinheiros,
Tão altos, tamanhos!
Oh ramos e ninhos,
Meus brancos cordeiros,
Oh mansos rebanhos,
Lôbos carniceiros,
Oh mocho tão triste,
Oh tudo o que existe
Na terra e nos céus!...
—Para sempre adeus,
Ai, adeus! Adeus...

Adeus, minha mãe
E todos os meus,
Tu, Velha... também...!
—A todos, adeus!

Velha

Pastora pequena,
Tens pena de mim?

Pastora

Eu, sim, tenho pena
De seres tão ruim.

Velha

És boa pessoa,
Tens dó da velhinha!

Pastora

Aqui, tão sòzinha,
Como hás de ser boa?
Alguém já te amou?
Alguém te fêz bem?
Alguém te beijou?

Velha, com voz cava e tristíssima

Não!... Nunca!... Ninguém!...

Quer's tu dar-me um beijo?
Nunca tal provei.

Pastora

Pois se é teu desejo,
Eu te beijarei.

Velha

Não tens mêdo?

Pastora

Não!

Velha

Da voz do trovão?

Pastora

Não!

Velha

Nem do vassoirão?

Pastora

Não!

Velha

Da palma da mão?

Pastora

Não!

Velha

Pois beija-me então
Neste bocarrão!

A Pastorinha avança devagar, direita e firme, para beijar a Velha. E, a cada passo, a horrível Bruxa abre a bocarra negra e faz

Ão!... Ão!... Ão!... Ão!... Ão!...

A Pastorinha toca emfim com a sua bôca em flôr a hedionda bôca da Bruxa, e beija-a. Mas, mal se ouve o Beijo, um relâmpago incendeia terra e céu, e logo arrebenta um trovão tão grande e tão horrível, que parece que tôdas as altas serras chocaram umas nas outras. E desfaz-se a Bruxa, braços para uma banda, cabeça para a outra; a Vassoira, aos saltos, vai ardendo tôda pelo ar! E o Mocho, num último pio, bate as asas e foge.

E o Príncipe aparece! Todo doirado, brilha à luz do luar, que alumia agora a serra inteira!

Príncipe

Bemdita sejas, Pastora!

Pastora, caindo de joelhos

Sêde bemdito, Senhor!

Príncipe

Mais pode um beijo d'amor,
De ternura e de piedade,
Do que as fúrias do terror,
Do que as armas da maldade!

Pastora

Mas eu matei a Velhinha,
A pobre Bruxa morreu!

Príncipe

Corajosa Pastorinha,
A Velha Bruxa era eu!

Pastora

Vós, Senhor! E para quê?

Príncipe

Para saber a verdade!
Só assim é que se vê
Muita coisa que é escondida:
Falso bem, falsa amizade,

Falso amor, falsas promessas;
Só assim é que se lê
O grande livro da Vida,
Que os reis lêem às avessas.
O mal é imenso e profundo!
Quanta mentira e traição!

Pastora

Só mentira achais no mundo?

Príncipe

Nele achei teu coração,
Êsse teu límpido olhar,
Minha amiga verdadeira!
É como um brando luar
A tua alma branca e nua,
Que alumia a terra inteira!

Pastora, apontando para o céu

Meu Senhor, olhai: a Lua!...

Príncipe

Tua irmã e companheira!
Rompeu as nuvens agora
Já corre livre no céu.

Pastora

Será par'cida comigo?

Acenando e falando para a Lua

Eh Pastora! Eh Pastora!
Diz aqui o meu amigo
Que és Pastora como eu!

Principe

Olha a zagala de prata,
De fina prata orvalhada . . .

Pastora

E lá vai mata que mata,
Leva pressa no caminho . . .

Principe

Deixa a névoa prateada,
Branda chuva de açucenas,
Cheirando à terra molhada,
Rescendendo a rosmaninho! . . .

Partamos, amiga minha,
Tenho pressa de chegar
Lá onde espera a Rainha,

Que já é farta de esp'rar.
O grande amor que me tinha
Já lhe deu p'ra se casar.

Pastora

Meu Senhor, deixai falar.

Príncipe

Vem comigo, Pastorinha...

Pastora

Mas que irei eu lá fazer?
No meio de tanta gala,
Até se me prende a fala,
Nem eu sei que hei de dizer!...
Leixai na serra a zagala.

Príncipe

Muitas coisas tens de ver.

Pastora

De tal não tenho cobiça,
Nem tenho mais que aprender...

Principe

Vem, Pastora, vem comigo,
Verás obra de justiça,
Grande Exemplo, alto Castigo!

Pastora

E para quê, meu Senhor?
Leixai-me, que é bem melhor.

Principe, desembainhando a espada

Declarei aos maus a guerra,
Que o mundo encheram de dor!
E é tão grande o meu amor
Por tudo o que é bom na terra,
Que esta espada e coração,
Juro a Deus, que nos escuta,
D'hoje em diante servirão
Na mais forte e heroica luta
De justiça e punição!

Pastora

Santa Barbara bemdita,
Já tendes voz de trovão!
Já parece a voz da Velha
A vossa voz tão bonita!

Não entendo nada disso...
É bom que vá cada abelha,
Cada abelha ao seu cortiço;
Lá na Côrte há tanta guerra...

Principe

Tu não me segues, Pastora?

Pastora

Leixai-me na minha serra.

Principe

Deixas só o teu amigo?

Pastora

Há de noite tanto p'rigo!...
Tenho mêdo... e, já agora,
Esp'remos a luz da aurora...

Principe

E virás depois comigo?

Pastora, com resignada humildade

Nasça o Sol e, sem demora,
Atrás de vós seguirei...

Principe

Pastora, não faltarás?

Pastora

Meu Senhor, não faltarei.
Palavra não volta atrás,
Minha palavra, Senhor,
Vale a palavra dum Rei!

Principe, vai sentar-se na rocha, junto da Cova da Bruxa. E com voz de infinita melancolia

Que mais sou eu que um pastor?
Neste silêncio profundo
Parece o Mundo maior...
— Silêncio — Alma do Mundo! —
Silêncio das noites calmas,
Silêncio que vem dos céus,

Em que só falam as almas,
Em silêncio, e a voz de Deus!
— Silêncio, meu coração,
Longe vá teu desvario.

Pastora, tôda arrepiada

Tenho mêdo! A vossa mão...

Príncipe, dando-lhe a mão

Em silêncio...

Pastora

Tenho frio!...

Cobre-se com a saia de estamenha, em bioco; senta-se ao lado do Príncipe, a quem também tapa com a própria saia.

Não ficais assim melhor?

Príncipe

Obrigado, amiga minha.

Ficam com as cabeças ocultas sob a saia humilde, as mãos postas numa oração, leve

como um murmúrio. Terminada a reza, a Pastora ergue um pouco a orla da saia, descobrindo a cara

Pastora

Boas noites, meu Senhor.

Príncipe, descobrindo também o rosto:

Boas noites, pastorinha.

Tapam-se de novo. Adormecem. Um anjo, branco, resplandecente, surge sôbre as rochas velando aquele sono bemdito.
E um rouxinol, perto, principia a cantar.

O pano vem descendo.

QUADRO V

Na Montanha

De Manhã

Antes que o pano suba, ouve-se cantar um galo:

Có-co-ro-có!

Sobe o pano e, ao abrir a scena, tudo se encontra como no final do quadro anterior: Principe e Pastora ainda adormecidos, o Anjo e a voz do Rouxinol. Só o Luar é mais tênue agora, a diluir-se no lusco-fusco da madrugada. Canta o galo outra vez:

Có-co-ro-có!

E o Anjo, na luz matinal, começa a sumir-se, a sumir-se... Desaparece, por fim, e, com êle, o último trilo do Rouxinol.

O Príncipe acorda e descobre o rosto, erguendo com a mão a orla da pobre saia que lhe serviu d'abrigo. E logo a Pastora acordou também.

Principe, *espreguiçando-se*

Ah! Bons dias, Pastorinha!

Pastora

Ai! Bons dias, meu Senhor!

Esfregando os olhos pegados de sono

É já quási manhãzinha!...
No céu nem uma estrelinha!...

Pela terceira vez, o galo: Có-co-ro-có.

Bons dias, madrugador!

Príncipe

Inda há uma estrêla, Pastora,
E que linda! — a da manhã!

Pastora

E lá para as bandas da aurora
É tudo côr de romã!

Príncipe

Já não canta o rouxinol,
Calou-se a voz do luar!...

Pastora

Canta o galo e a cotovia
Inda antes que nasça o Sol.
Nunca o mundo se calar!
Quer de noite ou quer de dia,
De tristeza ou d'alegria,
Não se cança de cantar!

Começa a ouvir-se o chilrear das aves.

Já começa a chilreada
Dos ninhos.

Batendo as palmas

Eh, passarada!
Toca já tudo a acordar!
Não querem deixar a roupa
Quentinha das suas casas...
As aves são muito tolas!

Ao longe canta um Cuco: Cú-cú! Cú-cú! E logo o cantar da Poupa: Pò-pò! Pò-pò!

Mano Cuco, mana Poupa,
Sacudi bem essas asas.

Ouve-se perto, pelos pinhais, o gemer das rôlas.

Eh, bons dias, manas rôlas!

Principe

Já de oiro se veste a serra,
Tôda de luz orvalhada;
Pranto da noite passada
Cobriu de estrêlas a terra...!
Quanta lágrima chorada!

Pastora

Meu Senhor, tudo é preciso...

Principe

Em cada fôlha, um diamante,
Em cada pedra, um brilhante...

Pastora

Cada lágrima... um sorriso!
E o que vai por 'i adiante
D'alegria nesses montes...
— Tudo novinho, a luzir!...

Principe

Soltam-se joias a rir
Da água pura das fontes!

Pastora

Tantas florinhas a abrir!

Principe

Todo o céu e tôda a terra
Doçura exala e fragrância,
Passa um sorriso de infância
Na aragem fina da serra...

Oh a manhã perfumada,
Verde e oiro e água pura!...
Tenha a inocência e frescura
Desta hora abençoada
Tôda a humana criatura.

A tôda a alma cansada
Leve seja a sua cruz,
Cada triste erga p'r'à luz,
Que alumia terra e céu,
A triste fronte curvada...
— Aleluia! O Sol nasceu!

Pastora

— Aleluia! Amém Jesus!

Ficam os dois, iluminados, de braços erguidos para o Sol, que acaba de romper. Aumentam num delírio os cânticos das aves saudando a Manhã! Abrandam, esmorecem... Só se ouvem, longínquos, o Cuco e a Poupa: Cú-cú!... Pô-pô!...

Pastora, que, de cansada, se assentou no chão

Meu Senhor, eu tenho fome...

Príncipe

Não há nada p'ra comer...

Pastora, de muito mau humor

Pois nada pode fazer
Neste mundo, quem não come.

Principe

Vamos os dois a correr,
Partamos, boa Pastora,
Já foi bem longa a demora,
E vai tão alta a manhã

Pastora

Valha-me Nossa Senhora...

Num dos ramos da macieira aparece uma maçã resplandecente.

— Olhai: que linda maçã!

Principe

Nem lhe devemos tocar.

Pastora

É comprida a caminhada...
Nesta fraqueza tamanha,
Nem assim eu posso andar,
— Cortai-a com a vossa espada!...

Principe

Ralha o Guarda da Montanha...

Pastora

Deixai o Guarda ralhar!...

Principe

Pastora, muito juízo,
O que de nós não dirão?
Não caias em tentação...

O ramo da macieira veio descendo, descendo, até que a maçã pousou na mão que a Pastora tinha estendida.

Pastora, com um sorriso de glória

Já da espada não preciso,
Deus a pôs na minha mão!

Principe

Sabes tu lá se foi Deus...

Pastora

Pois quem havera de ser,
Se Êle é quem dá tudo à gente
E tudo manda dos céus?

Príncipe, meditabundo

Em tempos... ouvi dizer...
Que uma vez... uma serpente!...

Pastora, muito risonha

Não há de haver novidade...
Tomai a vossa metade,
Que eu já estou a dar ao dente.
—Coma-a Vossa Majestade.

Príncipe, contemplando a meia maçã que a Pastora lhe deu

Tôda a minha alta nobreza
Ao que havia de chegar,
Um Rei que deu em roubar
Uma maçã camoesa!
Para o que estava guardado

Senhor dos mais invejáveis!...
Mas talvez êste bocado
Venha a ser em meu reinado
Um dos factos mais notáveis.

Pastora

Também me parece a mim!

A minha, pronto, acabou-se...
— No comêço era tão doce,
E que azeda para o fim!

Príncipe

Foi a serpente que a trouxe!...
Sou triste, e meu coração
Não sei que dor me adivinha!

Pastora

Pois eu confesso que não.

Príncipe

Tens a cara tão sujinha!

Pastora

Só agora é que notais?

Príncipe

Chegou-me a luz da razão
Na clara luz da manhã.

A Pastora põe-se a choramingar.

Pastora, porque chorais?

Pastora

Não foi nada. É da maçã.

Príncipe

Não chores mais, criatura,
Lava na fonte o teu rosto,
A água límpida e pura,
Linda Pastora do monte,
Abrandará teu desgôsto.

Pastora, puxando pela mão do Príncipe

Iremos ambos à fonte.

O Príncipe e a Pastora lavam os rostos na água fresca da serra, quando ao longe se começa ouvindo o eco tremendo de grandes passadas, e logo a voz ameaçadora e formidável do Guarda da Montanha.

Guarda da Montanha

Creançorum
Malcreadorum
In rabos
Açoitorum!

Pastora

Ai, o Guarda da Montanha!...

Príncipe

Eu bem te disse, Pastora!

Pastora

Ai, Senhor, se nos apanha!...
Meu Senhor, vamos embora.

Principe

Que vergonha! Estou perdido.
— A maçã...

Pastora

Eu creio agora...

Principe

Era o fruto proíbido!

Guarda

Puchadorum
Orelhorum
Vobiscorum,
In rabus
Açoitorum.

A Pastora ergue de novo a saia escondendo-se nela mais o Príncipe. E, cheios de mêdo, vão os dois fugindo. Desaparecem por um lado quando pelo outro lado surge o Guarda da Montanha, de barbas e cabelos de neve, ampla e branca túnica, um báculo branco na mão.

Seus marotos, seus venenos,
Que vos mando p'r'ó Inferno,
Para assar no caldeirão!

Pára, a bater furioso com o báculo na terra. Depois, tira dentre a túnica uma outra linda maçã, que ata no ramo pendente. O ramo sobe. Com o dedo no ar, apontando a maçã

— O Isco! Eis o Isco eterno!

E o seu velho rosto se banha num largo sorriso de infinita bondade que, parece, lhe torna ainda mais alvos e luminosos os cabelos, a barba, o báculo e a branca túnica.

Lá fogem, pobres pequenos!
Coitados! Lá vão... lá vão!...
Seja alegre a Terra inteira,
Á sombra da macieira
Outros par's descançarão!

Pois bonita esta alvorada,
Cada tinta em seu lugar!
Assim dá gôsto pintar,
Ao quadro não falta nada,
Que anda a luz tudo a doirar!
Amanhã mando chover,
E vou-me às tintas sombrias
Por uns três ou quatro dias;
Sempre assim não pode ser:
Façamos economias.
Hoje pintei p'ra poetas,
Hoje foi oiro a correr!

Esgotei as mil palhetas,
Pintei cem mil borboletas
E doirei milhões d'abelhas!
E o que tive de gastar
Com estas montanhas velhas!...
Vamos pois a descançar.

E sai seguido por bandos de borboletas brancas e pelo zunir de mil abelhas d'oiro. Começa a Montanha a animar-se: Voltam as raparigas para a fonte, pastores, pastoras, cavadores que veem para o trabalho. Já rompem as cantigas. Mas uma pastora solta um grande grito! É que no alto dum outeiro, todo banhado de sol, acaba de aparecer um Menino quási nú, só vestido com uma pele de carneiro, tendo ao colo um cordeirinho branco.

Uma rapariga

Olhai que lindo menino!
Um São João verdadeiro!
Com seu cordeiro divino,
Com sua pele de carneiro!

Outra rapariga

Aquilo fugiu do altar!
Escapou-se, pela certa;
Apanhou a Igreja aberta
E meteu p'la serra a andar!

Outtra

Lá vem êle a caminhar!...
Queira Deus não perca o tino,
Tropece e caia no chão;
São Joãozinho! Eh, São João!
Vem devagar, mê menino!...

Para um pastor que parou de tocar o pífaro, a olhar embevecido para o Menino

— Eh pastor, bota-lhe a mão!

O pastor trá-lo pela mão. Cercam-no todos, maravilhados.

Uma rapariga, extasiada

— O São João pequenino!...

Uma borboleta irisada dá duas voltas, voando, à roda do Menino e beija-o na bôca, que parece uma flor. Depois parte. O Menino mete o dedo no nariz e desata a chorar.

Uma pastora, comovida

Porque choras, São João?

Menino

É que não sei da 'inha irmã;
Fugiu de noite, fugiu,

Quando acordou de manhã
O menino não na viu!

Outra rapariga

E quem é tua irmãzinha,
Ó São João pequenito?

Menino, choramingando

É a 'nha irmã pastorinha,
Que tem os oio bonito
E uma cara bonitinha...

Rapariga

Querem ver que é a Pastora,
A Pastorinha do Monte!?

Menino

—É, é, é, é.

Rapariga

Olha agora!...
Há pouco vi-a na fonte
Mai-lum Senhor da cidade,
Que era tal e qual um Rei!

Outra rapariga

Como é que viste?

Rapariga

Espreitei.

Muito decidida puxando o Menino por um braço

Mas então dize a verdade:
Não és São João?

Menino, chorando ainda mais

Nan seiiii!...

Um pastor, agitando o cajado no ar

Vamos todos prècurar
A mana desta criança,
Que tenho cá uma esp'rança
De que a havemos de encontrar!
Até lá ninguém descansa!

Gritando

Eh, pastores!
Raparigas!
Cavadores!
Deixai trabalho e cantigas!

A pé descalço ou tamanco,
Meta-se tudo a caminho!
Sirva de guia êste anjinho
Mai-lo seu Cordeiro branco!

Marche à frente o Cordeirinho!...

E pondo o Menino com o Cordeiro à frente, marcham todos atrás dêle: homens e mulheres. De todos os lados da Montanha vem gente correndo, correndo. Até um coxo, de muletas, até um cego de nascença! Por fim, atrás, voando, voando, as abelhas e os bandos de borboletas.

QUADRO VI

No Palácio do Rei

Paço. Sala do Trono. Sentada no Trono a Rainha, anciosa pela chegada dos Cavaleiros: do Vermelho, ou do Amarelo ou do Furtacores, daquele emfim que tiver a glória de ter vencido a Velha da Montanha. Nos degraus do Trono, as Damas compondo o vestido para o noivado da Rainha com o Vencedor: Dom Jagodes? Dom Fuas? Dom Roupinho?

O véu da noiva estende-se todo branco pela sala, de lado a lado. Entre as Damas um Bardo dedilha distraídamente um bandolim de longo braço. Pela janela aberta um óculo imenso com o qual o Astrólogo da Côrte perscruta o horizonte a ver se chega algum dos Cavaleiros. A um canto, dobrado ao pêso das cadeias, o Bobo, clama em voz profética.

Bobo

É manhã de nevoeiro!...

Rainha, para as damas

Vida minha atribulada!
Vêde vós quanto me ralo!

Em voz dolente, para o Astrólogo

Já lá vem o Cavaleiro?

Astrólogo

Nem a Sombra, nem a Espada,
Nem o Rabo do Cavalo!

Bobo

O do óculo não vê nada,
É manhã de nevoeiro!

Dama, para a Rainha

Ai, não vos amofineis,
Que não tarda o vencedor...
Partiram por vosso amor!...
Dentro em breve aqui vereis
Chegar dos três o melhor.

Rainha

Qual será o que venceu?

Dama

Vem a ser o Dom Jagodes:
Bastavam-lhe os seus bigodes!

Bobo

Êsse é um ar que lhe deu!...

Tôdas as damas, picando-o todo com as agulhas com que bordam

—Isso é o que tu julgas.
—Cala-te Bobo, se podes...
—Toma lá, que te dou eu.
—Toma e toma.

Bobo, sacode-se todo com as dores das picadas e com voz de chôro e fúria

Aqui há pulgas!...

Fim terá meu cativeiro,
Minha dor será vingada,
Todo o mal heis de pagá-lo!

Rainha

Já lá vem o Cavaleiro?

Astrólogo, com voz soturna

Nem a Sombra, nem a Espada,
Nem o Rabo do Cavalo!...

Bobo

Senhora, não se vê nada;
É manhã de nevoeiro...
Só eu vejo uma alvorada!

Dama

Eu voto por Dom Roupinho!
Sua voz de trovoada
Faz a bruxa num figuinho!

2.ª Dama

Pois Dom Fuas trovador
É que há de ter a vitória;
Virá coberto de glória,
Será êle o vencedor...
Digo até que já venceu!

As damas

Também digo! E eu! E eu!

Bobo, cantando

Deu a alma ao criador
Dom Fuas já faleceu!...

As damas, voltando a picá-lo com as agulhas de bordar

— Baila, Bobo, o bailarico,
— Baila-o, baila-o, bem bailado,
— Salta, dança, mafarrico,
— Baila, Bobo malcriado!...

Rainha

Deixais por êsse burrico
O vestido de noivado?!
Qu'importa que o monstro berre?
Inda há tanto que bordar...

2.ª Dama

Que letras hei de traçar
Neste formoso lencinho:
Um Jota, um Efe, ou um Erre?
Jagodes? Fuas? Roupinho?

Rainha

Ai! sei lá, sei lá, sei lá!
Bardo, cantai vossa trova,
Alguma cantiga nova,
Pois Dom Fuas não 'stá cá.

Bobo, cantando com voz soturna

Não 'stá cá nem torna a vir.

Damas

Mafarrico! Malcriado!

Bobo

Coitadinho, foi p'ra o céu!

Bardo

Da Rainha de Kachmir
O vestido de noivado...

Rainha

Êsse canto acaso é teu?

Bardo

Dum poeta que morreu,
Dos maiores que tem cantado:

[1] *O vestido de noivado*
da rainha de Kachmir
era a diamantes bordado,
como o luar num terrado!...
Parecia o céu estrelado,
ou a visão dum fakir,
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.

Se é a Via Láctea, em suma,
não há olhar que destrince!...

---

(1) Do altíssimo poeta Gomes Leal.
Nenhum mal intencionado poderá dizer que nesta obra se não encontram versos admiráveis.

Nenhuma vista, nenhuma,
jurará se é neve ou pluma,
nem o próprio olhar do Lince...
Se é a Via Láctea, em suma,
não há olhar que destrince!

....

Côr da lua, os sapatinhos
eram mais subtis que o leque!
Seu manto, púrpura e arminhos,
não rojava nos caminhos,
pois sua cauda, aos saltinhos,
levava-a um núbio moleque.
Côr da lua, os sapatinhos
eram mais subtis que o leque!

Eis que no meio da boda
entrou um moço estrangeiro...
Calou-se a alegria douda
da grande assemblea, em roda!
E a brilhante sala tôda
fitou o jóvem romeiro.
Eis que no meio da bôda
entrou um moço estrangeiro...

Pegou no copo, com graça,
e brindou em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,

como a um punhal que a trespassa,
encheu de prantos a taça,
e o seu lenço de Bretanha...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
êsse brinde, em lingua estranha!

Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os anéis...
E, sem soltar um gemido,

chorou num pranto sumido,
o seu passado perdido,
os seus amor's tão fiéis!
Encheu de pranto o vestido,
Encheu de pranto os anéis.

. . . .

Saudades de amor quebrado
fazem lágrimas cair!
por um brinde ao amor passado
ficou de pranto alagado
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir,
saudades de amor quebrado
fazem lágrimas cair!...

O Bardo tem ao fim da Canção seus belos òlhos rasos d'agua. E, depois dum comovido silencio, pregunta:

Gostastes, Senhora minha?

Rainha

Sim... gostei, é bonitinha...

Bardo, para as Damas

E vós?

Dama

Hum! Assim, assim...
Mas não chega à trovazinha
Que Dom Fuas nos cantava:
«Pena, pena, bandolim!»

Outra dama

Com que mimo e inspiração!

Bobo, sempre cantarolando

Coitadinho, foi à fava,
Deu-lhe a Bruxa a extrema unção!

1.ª Dama

Silêncio, monstro agoireiro!

2.ª Dama

Pois est'alma condenada
Não se cala?!

Bobo

Não me calo!

Rainha

Já lá vem o Cavaleiro?

Astrólogo

Nem a Sombra, nem a Espada,
Nem o Rabo do Cavalo.

Bobo

Oiço eu passos na estrada,
Uns nobres passos leais!
Vão tremer os maus e os falsos,
— Ao lado duns pés descalços,
Sapatos d'oiro reais!
Alguém p'r'àqui se encaminha,
Por vosso mal e meu bem...

Um pagem que entra

Senhora, chegou alguém.

Bobo, radiante de alegria

Meu coração adivinha!

Pagem

Dois peregrinos cansados
Querem falar à Rainha.

Rainha

E são bem apresentados?

Pagem

Quem são, Senhora, não sei:
Pés descalços, pés calçados
Com esporas d'oiro de lei,
Seus rostos trazem tapados,
E novas trazem d'El-rei!

Rainha

Volta sempre o triste assunto!...
Pois mando que assista a Côrte,
Visto tratar-se da morte
Do nosso real defunto.

Pagem

Senhora, p'r'à Côrte entrar,
Que marcha mandais tocar?

Rainha

Nobres damas, ouvi isto!
Vêde vós: parece incrível!
Pois d'El-rei se vai falar,
Marcha fúnebre, está visto,
O mais fúnebre possível!

O Pagem sai, e logo tocam as charamelas chamando os nobres da Côrte que veem entrando ao som duma Marcha fúnebre. A Rainha discursa:

Cavaleiros muito amados,
Gentil Côrte da nação,
Fiz esta reùnião,
E junto a mim vos chamei,
Porque dizem ser chegados
Dois peregrinos cansados,
Que novas trazem d'El-rei:
Vamos algo emfim saber
De como a Bruxa o comeu.

Ocultos na concha da saia da Pastora, caras tapadas, entram o Príncipe e a Pastora.

Começai por nos dizer
De como El-rei faleceu;
Contai-nos tôda a verdade.

A voz do Principe

Senhora, o Rei não morreu!

Rainha, com um gesto terrível

Mentes tu!

Bobo

Pague uma prenda:
Mente Vossa Majestade!

Rainha, como uma víbora assanhada

Todo o vilão que me ofenda
É à morte condenado!
Dêste alto Trono doirado,
Mentes tu! — afirmo eu,
Mentes tu! — di-lo a Rainha!

A voz do Príncipe

Mentis vós, Senhora Minha!
Mentis! — O Rei não morreu.

Bobo

E está bem vivo a falar!

Estala com fôrça hercúlea as cadeias que o prendiam, e dum salto, ei-lo de pé ante a

Rainha, fazendo sibilar um pedaço de corrente em cada mão. E gritando:

Cabelos d'oiro — serpentes!
São de bronze estas correntes,
Mas vêde — fi-las quebrar!
Livres tenho unhas e dentes,
Minhas algemas quebrei!

Rainha, para os homens d'armas

Prendei-os todos, prendei!

Bobo

Para trás, homens valentes!
Olhai-me: Já sou liberto!

Rainha, para o Príncipe que continua com o rosto tapado

Quem és tu, ó Encoberto?

A voz do Príncipe

Quem sou, Senhora?

Descobre-se

Todos, num grande espanto:

El-Rei!!!

Todos os Cavaleiros desembainham as espadas e ficam hirtos, em continência. O Príncipe e o Bobo caem nos braços um do outro. A Rainha está como petrificada. Grande silêncio.

Príncipe, com voz serena e terrível:

Descei, Senhora, dum trono
Que não soubeste merecer,
E dai o seu a seu dono...

Bobo

O Bobo rebenta a rir!...

Para a Rainha, que parece ter os pés pegados ao trono

Êsses degraus a descer
Custam mais do que a subir!

Rainha

Senhor, que ides fazer?

Príncipe

Castigar vossa cobiça
E vossa negra traição,
Dar ao mundo alta lição
De grandeza e de justiça.

Rainha, para os Senhores da Côrte

Senhores, El-Rei delira!...

Príncipe

Farei quanto fôr preciso
Para esmagar a Mentira:
Mentira o vosso sorriso,
Mentira a vossa bondade,
Mentira vosso falar
E mentira o vosso olhar
De tão doce claridade!...
Nascestes para enganar,
Rainha sois de vaidade!
Nunca uma lágrima alheia
Vos prendeu o coração,
É linda vossa feição,
Mas tendes alma bem feia!

Bobo

Nunca ouvi tão lindos sons!

Príncipe

Descei, descei os degraus:
Que é bom que desçam os maus,
Para que subam os bons.

Rainha

Respeitai minha pessoa.

Príncipe

Descei depressa, Senhora!

A Rainha desce por fim

Tirai-lhe o manto e a coroa,
Tirai-lhe o sceptro doirado:
Por sceptro d'oiro,—um cajado!
E, em vez do manto real,
Cobri-a com o pobre chale
Que a esta pobre foi dado.

Bobo

Sonhei isto tal e qual!
Nem sei se estou acordado!

Príncipe

Nobre trajo de Rainha
Seja dado à Pastorinha.

Á maneira que vão tirando à Rainha os reais distintivos, o Príncipe os vai dando à Pastora. Vestindo-lhe o Manto real:

Qu'êste Manto, tenho esp'rança,
Sempre leve te pareça
Nos teus ombros de criança!...

Pondo-lhe a Coroa

E nesta linda cabeça
A Coroa d'oiro e diamantes!

Entregando-lhe o Sceptro

Seja o Sceptro, em tua mão,
Suave como era dantes,
Entre o gado, o teu bordão!...

Pastora

P'ra tal, Senhor, que fiz eu?

Príncipe

Alto milagre d'amor!
Foi devido ao teu valor
Que a feia Bruxa morreu.

Pastora

Mas essa velha tamanha
Éreis vós mesmo, Senhor!

Príncipe

Encantado na Montanha,
Nesse meu encantamento,
Para saber a verdade,
Foi teu gesto de bondade
Que pôs fim ao meu tormento.
Lá naquela solidão
Eu passei noites e dias,
Noites negras, noites frias,
Á espera dum coração!
Só tu te compadeceste
Dêsse monstro desprezado,
Só tu vieste a meu lado
E tua vida of'receste:
Por ti fui desencantado!

Em alta voz

Por isso desta Pastora,
Cavaleiros, fiz Rainha!

Cavàleiros

Bem traçado! bem traçado!

Pastora

Valha-me Nossa Senhora!
Que dirão na minha terra?
Que dirá a 'nha mãezinha
Ao vêr-me em tanta grandeza,
E mai-la gente da serra?
— Cheira a ovelha esta princeza!

Virando-se para os nobres e Cavaleiros

Pois ao Trono eu terei de ir?!

E não fareis surriada,
Não largais todos a rir?

Um velho cavaleiro, de longas barbas brancas

Sereis, Senhora, aclamada!

Pastora

A todos muito obrigada...
Ai, se eu pudesse fugir!

Sobe e, mal chega ao alto do Trono, faz uma grande vénia, e diz para todos

Sou uma vossa criada,
Que aqui está p'ra vos servir

Bobo, todo banhado em riso

Quem te viu, mana Pastora!

Pastora

Como isto vai pelo povo,
Qualquer dia, a qualquer hora,
Assobes tu, mano Bobo.
Eu 'stou mesmo passadinha!

Príncipe

Beijai a mão da Rainha.

Rompe a música e os mais velhos Cavaleiros avançam para o beija-mão.

Pastora, de dedinho no ar, muito decidida

Silêncio! Quero falar!
Fique tudo muito quieto,
Quero fazer um decreto.
Silêncio! tudo a escutar,
Pois agora falo eu:
P'lo condão que Deus me deu,
Pelo meu alto poder,
Que esta terra tôda cobre,
Ordeno que todo o pobre
Tenha sempre de comer!

Esta lei a vós confio,
Esta minha ordenação:
— Nem mais fome, nem mais frio,
Tenha alguém desta nação!

Bobo

Um decreto nunca visto!!

Príncipe

Assim seja executado.

Bobo, de braços abertos, num grande enternecimento

Oh, coração adorado!
Rainha de Jesus Cristo!

Voltando-se para as Damas

E que tal êste reinado?
Que dizeis d'esta festança,
Minhas donas aventesmas?
Cada qual a encher a pança
Tal e qual como vós mesmas!?
Que vos parece a mudança?

Pastora

Deixai as damas, coitadas!

Bobo

Coitado, mas é de mim!
Perdoai, doce jasmim:
Contra estas donas malvadas,
De coração tão ruim,
O Bobo pede justiça!...
O meu corpinho, estas grulhas
Picaram como à choiriça,
Crivaram todo de agulhas!
Senhor Rei, que tudo julgas,
Vê como se divertiam:
A morderem como pulgas,
Riam, riam, riam, riam!...
E as suas gargalhadas
Doem mais que sete espadas
Cravadas no coração!
Contra estas Donas danadas
Pede justiça um truão!
Justiça não dar, é roubo!

Príncipe, com voz formidável

Justiça mando fazer:
Tens carta branca, meu Bobo!
Tu mesmo as farás soffrer
Todo o mal que padeceste.

Bobo

A tua palavra deste!

Pois agora é que ides ver,
Donas do tranglo-mango,
Qual será minha vingança:
Venha música p'r'à dança,
Salta p'r'àqui um fandango,
Essas mãozinhas no ar
E os dedos a dar 'stalinhos,
Mexei bem êsses pésinhos,
Recos-trecos, a dançar!

As Damas, de beicinho estendido, tôdas chorosas, dançam e cantam à ordem do Bobo, que as acompanha, rindo, saltando, batendo palmas:

Baila, baila o bailarico,
Baila-o, baila-o bem bailado,
Baila o pé e chora o bico,
Ai, Jesus, que triste fado!

Bobo, para a Dama Velha, que não quis dançar

Tão quietinha esta beldade,
Tôda a fazer-se modesta!
Aproveite a mocidade,
Toca a brincar cá na festa!

Dama velha, com os óculos a luzir de fúria, lá dança também e canta com voz roufenha

Baila, Bobo... etc.

Bobo

Está na flor da sua infância,
E bailou muito a preceito!
Que rico sapateado!
Basta com tanta inlegância...
O Bobo está satisfeito,
O Bobo já está vingado!
...Sua benção, avózinha!

Príncipe para a ex-Rainha, sucumbida, encostada ao cajado da Pastora, a cara escondida de vergonha, o velho esfregão caído tristemente pelas costas:

Beijai a mão da Rainha.

Rainha, erguendo altivamente a cabeça

Meu Senhor, tal não farei!

Príncipe

Orgulhosa alma daninha,
Repara que o manda El-Rei.

Rainha

Qu'importa? — Não beijarei.

Príncipe

Pois à morte és condenada,
Á morte te condenei!

Rainha

De cabeça levantada,
Ides ver que morrerei!
Antes morta que humilhada.

Príncipe, gritando com a cabeça perdida

Venha o carrasco do Rei!

Entra o Carrasco, corpo e rosto cobertos de pano côr de sangue, só com os buracos para os olhos poderem ver, e para a bôca poder respirar. Traz ao ombro um pesado e horrível cutelo.

Meu carrasco, mãos à obra:
Corta, corta, Satanaz,
A cabeça desta cobra!

Brilha no ar o cutelo, e tóda a gente da Côrte e o próprio Bobo cobrem os rostos, cheios

de horror. Só a Princesa, sorrindo, ergue altiva a cabeça e até parece mais alto, mais branco e mais fino o seu lindo e tenro pescoço que, sem mêdo, ela oferece ao golpe do Carrasco. O cutelo vai a descer quando se ouve a

Pastora, *num imenso grito*

Carrasco, não matarás!!!
Mal haja quem tal fizer,
Mal haja quem tal mandou!
Mal haja pobre mulher,
Quem já tanto te humilhou!

Para o Príncipe

Mal haja vosso delírio,
Que vos leva à perdição:
Tirais-lhe o sceptro da mão,
Dais-lhe a palma do martírio,
Dais-lhe o cális da paixão!
Vossa alma está condenada,
Que a vida humana é sagrada,
Tem-na Deus na sua mão!
Matai-me, se quereis também,
Matai-me, se quereis, Senhor,
Pois é belo o seu valor,
Pois ela fêz muito bem

Não se q'rendo a mim curvar:
Só ela está na verdade!
Dêsse gôsto de humilhar,
É que vem tanta maldade!
Vós éreis d'antes melhor,
Já não tendes coração,
Não sois o mesmo, Senhor!...

Principe

Perdão te peço, perdão!...
Mal haja, disseste bem,
Mal haja o louco furor
Que fizer morrer alguém,
— Êsse alguém seja quem fôr!

Passou por sôbre mim um vento de mistéri
Resplandecente vôo que a Terra encheu de Lu
Um claro rosto vi, um rosto triste e sério,
— E como um Sol d'amor seu infinito império
— Na voz duma Pastora eu vi passar Jesus!

Pastora não sou malvado,
Dá-me, peço, o teu perdão...

Pastora

Por esta estais perdoado,
Por outra juro que não.

Bobo, para o Príncipe, com cara de poucos amigos

Parece, Rei Mafarrico,
Que também estás precisado
De balhar o balharico! . . .

Para o carrasco apontando-lhe a saída

Vai-te embora, ó Encarnado!

Sai o carrasco, de cabeça baixa, no meio dum grande silêncio.

Pagem, que avança para o Rei, apresentando três trapos: um trapo vermelho, outro amarelo e outro furtacores:

Os anõezinhos da Serra
Vos mandam esta lembrança;
O que ficou da matança
Dos três que fizeram guerra
Á Bruxa tranga-lha-dança!
Três Cavaleiros guapos,
Que ali, no triste caminho,
A Bruxa fez em farrapos:
Jagodes, Fuas, Roupinho.

Bobo

Deixai-me ver êsses trapos.

Estende o trapo vermelho, sacode-o e... aparece Dom Jagodes ressuscitado. Faz o

mesmo ao amarelo e surge Dom Roupinho. O mesmo ao furtacores e eis Dom Fuas, que de bandolim logo se vai requebrando para a ex-Rainha. Mas ao vê-la tão pobre e mal vestída, vira-lhe as costas e aos pés da Pastora põe-se a cantar, todo terno:

Pena, pena, bandolim,
Pena, pena e solta nm ai!

Êste ai! solta-o êle com uma rija palmada na careca que o Bobo lhe applica com tôda a fôrça. Todos riem e fazem grande troça dos três Cavaleiros.

Olhai que lindos que são!
Bem pesada a tal vassoura?!

Pastora, *de mão direita muito estendida*

E eu aqui, há meia hora,
Á 'spera do beija-mão!
Ou beijais, ou vou-me embora.

Começa ao som da música o Beija-mão. Cada cavaleiro que beija a mão da Pastora, vem dizendo:

— Cheira a flor do rosmaninho!
— Cheira a trevo...
— Cheira a ninho...
— Sabe a mel...
— Nunca vi maior enlêvo!

Ao sol e vento da serra,
Tão doirada a sua pele,
Guarda os aromas da terra...
—Cheira a trevo!
—Sabe a mel!

Mas, de repente, é interrompida a Festa pela entrada dum personagem que faz o espanto de tôda a Côrte: O S. Joãzinho! O irmãozinho da Pastora com seu anho ao colo! A Pastora tôda treme ao vê-lo e, correndo, desce os degraus do Trono, e a êle se abraça.

Pastora

Ai, o meu rico irmãozinho,
O meu lindo São João!
O meu q'rido cordeirinho!
Meu cordeiro! Meu irmão!
Não me conheces, meu bem?
Tua irmã!... Tua Pastora!...
A nossa mãe?

Menino

Chora! chora!

Pastora, desatando em alto chôro

Quero ir p'r'à minha mãe!

Principe

Lembra-te que és a Rainha!

Pastora

Já não quero o Manto e a C'roa!...
Deixai-me ser pobrezinha...
Quero ir p'r'à minha casa,
Caldinho verde com b'roa,
Quentinho na minha brasa,
Bem ao pé da minha gente,
Comer feliz e contente!

Assoando-se a uma ponta do Manto

São mais lindos meus carneiros
Que todos os Cavaleiros
Que aqui estão na minha frente...!

Um pagem

Senhor!
Uma imensa multidão,
Como nunca vi maior,
Como nunca vi tamanha,
Vem descendo em procissão
Lá dos cimos da montanha!

São milhentos cavadores,
São pastoras, são pastores,
Que pedem p'r'a vos falar.
Pobres almas semi-mortas
Já de tanto caminhar!...

Um Cavaleiro

Fechai bem tôdas as portas!

Príncipe

Abri-as de par em par!

O Pastor, acompanhado de tôda a gente da Serra, avança pela Sala dentro

Senhor Rei, gente de paz!
Senhor Rei, gente de bem!
Vindos das serras d'além,
A rezão que aqui nos traz
É saber qual o destino,
Que lá não o sabe ninguém,
Da mana dêste menino!
Perdoai-nos, Senhor Rei,
Perdão, Rainha e Senhora.

Pastora

Seu destino eu bem no sei!

Lançando longe de si, Manto, Sceptro e Coroa

Olhai-me, sou a Pastora!
Sou a vossa Pastorinha,
Que foi Rainha uma hora,
E não quer' mais ser Rainha!

Toda a gente da Montanha a olha maravilhada, mal acreditando no que está vendo. Mas uma pastora grita e logo gritam todos

Viva a Rainha Pastora!
Viva a Pastora Rainha!

Pastora

Meu Senhor, tende piedade!
— Irei com estes pastores,
Ou morrerei de saudade!
Tôda mortinha de dores,
Minha mãe, sumida a um canto,
Lá 'stará lavada em pranto...
As ovelhas, meus amores,
Certo lhes deu o quebranto.
E mirra-se ao abandono,

Desde que eu levei sumiço,
O gado triste, sem dono!
Mandai aquela p'r'ó Trono,
Que tem mais geito p'r'a isso.

Rainha

Pastora, muito obrigada,
Mas Rainha, isso é que não!
Tua graça não acceito.
A ti faltava-te o geito,
A mim falta o coração!...
Já não deixo o teu bordão,
Melhor que o sceptro que eu tinha,
Pois vou-me também embora
Para a Serra: ser Pastora
P'r' àprender a ser Rainha!

Para o Príncipe

Peço a vossa compaixão
— Já que a tal ninguém me obriga —
A si mesmo se castiga
Quem fizer negra traição!...
Todo o mal que te fazia,
Bobo, peço-te, perdoa,

— A todos peço perdão!
É que eu d'antes não sabia
Que era tão bom ser-se boa!...
— Aquela que foi Rainha,
Pastora, beija-te a mão...

Vai para beijar a mão da Pastora.

Pastora

Beija-me antes a carinha!...

Beijam-se. E logo, o bordão da Pastora, que à Rainha, em castigo, fôra dado, refloresce milagrosamente! E enche-se de flores, tão belas que parecem luminosas. Enquanto, ao longe, se ouve um leve repique de sinos como se fôssem tocados por ligeira, imperceptível aragem. Ficam todos assombrados e vozes murmuram: Milagre! Milagre! Milagre!

Principe, de braços erguidos para o Céu

Milagre puro, d'amor!
Ramo sêco refloresce,
Ramos, Almas, — tudo em flor!

É como se amanhecesse!...

Bobo, com a cabeça perdida

Suba ao Trono êste Bordão!

Menino

Menino quere o cajado!..

Bobo

Pois à mão lhe seja dado!
Com seu Cordeiro na mão,
Seja no trono assentado
O Menino São João!

O Rei, Rainha e Pastora levam o Menino até ao alto do Trono. Assentam-no. Um raio de Sol, que vem não se sabe por onde, ilumina-o todo e ao Cordeiro branco. Resplandecem, cercados, banhados de Luz!
O Bobo salta, dança em delírio! E, com os braços no ar, parece que vai puxando as cordas invisíveis de milhares de sinos que repicam alegremente.

Balha, Bobo, o balharico,
Balha-o, Bobo, bem balhado!
Faz-te todo num fanico!
Recos-trecos, toquem sinos,
Tlim-tlão! Tlim-tlão! Tlim-tlim-tlão!
Balhem velhos e meninos,
Balhem todos que aqui 'stão!

Tlim-tlão! Tlim-tlão! Tlim-tlim-tlão!
Recos-trecos! Recos-trecos!
Balhem todos os Meninos,
Balhem todos os Bonecos,
Toquem sinos, toquem sinos.
Recos-trecos! Recos-trecos!
Recos-trecos! Recos-trecos!
Recos-trecos!!!

Tocam as charamelas da Côrte e tôdas as trombetas e os pífaros e as gaitas de foles dos pastores. Sinos grandes e pequenos, abalam Terra e Céu! Há palmas, cantos e vivas. Bandos de andorinhas e pombas brancas vôam à roda do Menino e, por tôda a sala, Rei, Rainha, Cavaleiros, Pastores, Damas e Pastoras cercam o Trono, gritando: Milagre! Milagre! Milagre!...

E dançam todos